

FABÍOLA DA SILVA CUNHA

AS MARCAS DE UMA ESCOLA APONTADAS PELOS MEMBROS DE UMA COMUNIDADE  
NO ORKUT

Rio Claro

2012

FABÍOLA DA SILVA CUNHA

AS MARCAS DE UMA ESCOLA APONTADAS PELOS MEMBROS DE UMA COMUNIDADE  
NO ORKUT

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
como requisito para obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Leila Maria Ferreira Salles

Rio Claro

2012

370 Cunha, Fabíola da Silva  
C972m As marcas de uma escola apontadas pelos membros de  
uma comunidade no orkut / Fabíola da Silva Cunha. - Rio  
Claro : [s.n.], 2012  
74 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Leila Maria Ferreira Salles

1. Educação. 2. Internet. 3. Ensino. 4. Identidade. I. Título.

Fabíola da Silva Cunha

As marcas de uma escola apontadas pelos membros de uma comunidade no Orkut

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Comissão Examinadora

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Dennis de Oliveira, Universidade de São Paulo – USP

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo – Unesp

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leila Maria Ferreira Salles - Unesp

Rio Claro \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012

## **AGRADECIMENTOS**

A Olga e Antonio, meus pais, pela vida.

Ao Ricardo, pela paciência e companheirismo.

A Mari, pelo auxílio e boas risadas.

A Leila, pela orientação e dedicação.

Aos colegas Erika, Daniel e Douglas, pelas boas manhãs e tardes passadas no campus.

Ao Ludmar, meu chefe, pela flexibilidade nos horários no trabalho e compreensão.

A Marilena, pelo acolhimento e carinho em sala de aula.

## **RESUMO**

Este trabalho tem por interesse estudar a construção da narrativa feita pelo membro de rede social sobre si mesmo e o significado que atribui à escola e aos estudos nesse processo. A pesquisa foi feita na rede social Orkut, mais especificamente uma comunidade dedicada a uma escola de Rio Claro, São Paulo. Nesta comunidade foi feita a caracterização e identificação dos interesses manifestados pelos usuários da rede social. O Orkut, embora não funcione como um diário permite a reorganização da história individual, personalizando e destacando preferências, opiniões acerca de assuntos variados, desejos e motivações. Na comunidade escolhida, os membros falam de assuntos relacionados à escola onde estudaram ou trabalharam. Desses, 18 membros responderam à questão “Que parte da escola te marcou mais?”, sendo suas respostas e perfis alvos de nossa análise.

**Palavras-chave:** Educação, Internet, Ensino, Identidade

## **ABSTRACT**

This paperwork has as its goal to study the built of narrative made by the social network member about itself and the meaning that it gives to school and to studies in this process. The research is about the social network Orkut, more specifically, a community dedicated to a school at Rio Claro, São Paulo. In the community we identified the interests shown by the social network users. The Orkut, although doesn't work as a journal, allows to reorganization of the individual journey, pointing out personal preferences, opinions about many subjects, desires and motivations. In this community, the members talk about subjects related to the school where they had studied or worked. Inside this big group, 18 members answered the question "What part of the school marked you more?" Their answers to this question and their profiles were the targets to our research.

**Keywords:** Education, Internet, Guideline, Identity

## SUMÁRIO

|                                                                   |    |
|-------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                                                  | 7  |
| Objetivos .....                                                   | 8  |
| Metodologia .....                                                 | 8  |
| CAPÍTULO1 .....                                                   | 15 |
| 1.1 A internet surge e adentra a vida real .....                  | 15 |
| 1.2 A popularização do Orkut e a “orkutização” do exclusivo ..... | 32 |
| CAPÍTULO 2 .....                                                  | 37 |
| 2.1 A escrita do eu .....                                         | 37 |
| 2.2 O sujeito como objetivo principal .....                       | 40 |
| 2.3 Escrever sobre o “eu” na internet .....                       | 41 |
| 2.4 A pública vida privada .....                                  | 45 |
| CAPÍTULO 3 .....                                                  | 48 |
| 3.1 – A nostalgia pela escola de outros tempos .....              | 48 |
| 3.2. As atividades escolares .....                                | 51 |
| 3.3. Fora da sala de aula .....                                   | 53 |
| 3.4. – Desafiando as regras .....                                 | 54 |
| 3.5. O retrato de uma escola revelado nas falas .....             | 57 |
| CAPÍTULO 4 .....                                                  | 59 |
| 4.1. Visitando e analisando os perfis.....                        | 59 |
| 4.2 O que se fala e o que se mostra: contradições .....           | 68 |
| Conclusão .....                                                   | 71 |
| Referências Bibliográficas.....                                   | 75 |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve-se pela necessidade de analisar o que os usuários da rede social Orkut falam sobre a escola e os estudos. Essa rede social detém inúmeras comunidades voltadas para que alunos, ex-alunos, professores, funcionários e outros interessados discutam e opinem sobre o assunto, fornecendo informações relevantes para a compreensão da visão dos mesmos sobre a instituição escolar. A cidade de Rio Claro, no interior do estado de São Paulo, onde este estudo se desenvolve, vivenciou a popularização do Orkut como meio de comunicação e interação entre os habitantes, de maneira similar ao ocorrido em cidades brasileiras com amplo acesso à rede mundial de computadores – internet. Embora não haja dados específicos da cidade de Rio Claro, a contagem nacional de usuários do Orkut revela a abrangência do mesmo, mesmo que recentemente ele tenha sido superado em número absoluto de usuários pelo Facebook, em agosto de 2011, segundo pesquisa Ibope Nielsen Online (39 milhões de usuários para o Facebook contra 29 milhões para o Orkut).

O recorte dado a nosso estudo utilizou como referência o trabalho já desenvolvido pelo grupo de estudo intitulado Estudos sobre Jovens, Educação e Violência, ao qual me vinculei ao ingressar no Mestrado. Esse grupo é composto por uma equipe de professores e alunos e tem investigado a temática Jovens, Violência e Escola, a partir de projetos de pesquisa intitulados “Projeto de pesquisa e de formação de profissionais para atuar com a problemática da violência de jovens” (Financiamento Fapesp – Melhoria do Ensino Público – Processo 2004/11247-8) e “Violência na Escola: as influências do clima organizacional e das relações familiares” (Financiamento Fapesp – Melhoria do Ensino Público - Processo 2007/04102-1).

Pesquisamos as comunidades dentro do Orkut dedicadas às três escolas alvos do trabalho desse grupo e encontramos uma dessas comunidades ativa e com grande número de participantes, dedicada à escola aqui focalizada.

A unidade escolar sobre a qual a comunidade do Orkut fala encontra-se em um bairro de classe média e funciona em dois turnos - matutino e noturno - para o Ensino Médio. Embora esteja cerca de 1,5km distante do centro de Rio Claro, atende alunos de bairros afastados da escola e do centro, com nível socioeconômico majoritariamente baixo.

Era considerada uma das maiores e mais bem equipadas escolas da cidade e atendia uma grande quantidade de alunos, o que não ocorre mais nos dias

atuais. Esse ambiente não atende mais as necessidades da demanda e somente uma pequena parte da construção é utilizada pela escola, isto porque os muros são baixos, falta iluminação pelos extensos corredores que unem um bloco ao outro e os diversos pavilhões estão abandonados e desativados devido à mudança de ensino, que anteriormente atendia o Ensino Fundamental, Ensino Médio e Cursos Técnicos. Segundo o Plano de Gestão-Quadriênio 2004 a 2007, como a clientela é proveniente de bairros distantes e periféricos, existe a dificuldade de estabelecer um vínculo com afetivo com o patrimônio público da escola e com o local onde a escola está inserida (PAULA E SILVA et al, 2010)

A imagem da escola é negativa devido à série de acontecimentos envolvendo pichações, depredações, uso de drogas e o assassinato de um aluno. Recentemente a escola foi alvo de especulações sobre a continuidade de suas atividades devido à transferência de uma escola técnica estadual para o local, mas a informação foi negada pela assessoria de imprensa da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que informou em nota oficial a implantação do ensino integral na escola<sup>1</sup>.

## **Objetivos**

- Caracterizar a comunidade da unidade escolar na rede social Orkut;
- Caracterizar quem é o usuário nesta rede social, investigando a narrativa que eles constroem sobre eles mesmos.
- Examinar o significado que membros de uma comunidade construída a partir da própria escola atribuem à escola e aos estudos;

## **Metodologia**

Este estudo define-se como qualitativo, devido à necessidade de compreender os significados, explícitos ou não, das mensagens expostas pelos usuários dentro do Orkut. Tais mensagens podem estar contidas na escolha de “comunidades” pelos membros, na escolha da foto para o perfil, na montagem dos álbuns de fotos, na forma como descrevem-se dentro do campo “Quem sou eu”, na fala sobre a escola e os estudos etc. A abordagem qualitativa é necessária aqui por não propormos a listagem, categorização e contagem da frequência de

---

<sup>1</sup> Estado nega extinção e confirma ensino integral na Escola em 2013. Jornal Cidade de Rio Claro, Rio Claro, 16 de ago. de 2012. Disponível em <<http://jornalcidade.net/94617>> Acesso em 29 de ago. de 2012.

termos usados, mas sim entendermos o que estaria por trás desses termos, o que eles significam, o que podemos apreender a partir da análise desses termos.

Bogdan e Biklen (1994) afirmam que

O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (...) os investigadores qualitativos preocupam-se com aquilo que se designa por perspectivas participantes (Erickson, 1986; ver Dobbart, 1982, para uma perspectiva ligeiramente diferente). Centram-se em questões tais como: Quais as conjecturas que as pessoas fazem sobre suas vidas? O que consideram ser dados adquiridos? (p. 50)

Toma-se, portanto, a perspectiva do sujeito como central, buscando em cada pessoa o olhar específico. Nesta pesquisa, propõe-se que essa perspectiva do sujeito seja buscada com o uso do Orkut.

Os significados que as pessoas atribuem às suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e constitutivos, não acidentais ou secundários àquilo que é a experiência. Para compreender o comportamento é necessário compreender as definições e o processo que está subjacente à construção destas.

Para a concretização dos objetivos definidos neste estudo foram feitas:

**a)** Pesquisa bibliográfica: Levantamento e revisão bibliográfica sobre a temática do objeto deste estudo.

**b)** Pesquisa de campo: A escolha do Orkut se deu justamente pelo caráter comunitário de sua estrutura, que favorece a criação de discussões como a que analisamos, entre membros de uma comunidade que espontaneamente propõe, incitam e reagem nos tópicos presentes dentro dela. Ao visitarmos o Facebook, primeiro colocado em números de usuários atualmente, percebemos que este último privilegia as relações indivíduo a indivíduo, enquanto o Orkut promove a integração de dezenas, às vezes centenas de membros em uma mesma “conversa”.

Uma análise preliminar mostrou que no Orkut pode-se encontrar somente uma comunidade dedicada à escola de Ensino Médio e foi portanto a analisada neste estudo. Essa comunidade é similar à qualquer outra comunidade no Orkut e pode ser encontrada dentro da rede social ao se digitar o nome da escola em questão. Sendo um membro do Orkut, pode-se ter acesso às comunidades de interesse fazendo essa pesquisa no campo “busca” e procurando nos resultados aquela que possui descrição de maior interesse. Para fazer parte de uma comunidade dentro do Orkut é preciso solicitar permissão, clicando em um botão específico que aparece junto da comunidade. A partir da aceitação (que pode ou não depender de outro membro, o moderador) o

visitante passa a ter acesso a todos os tópicos que já foram introduzidos por outros membros e ele mesmo pode introduzir tópicos novos.

A comunidade analisada neste estudo conta com 1223 membros. Na comunidade, os membros – constituídos pelos alunos, ex-alunos, professores e ex-professores – podem fazer perguntas que ficam abertas às respostas de todos os demais que quiserem respondê-las e que foram membros da comunidade. Até o último acesso, em 18 de agosto de 2012, existiam 47 tópicos dentro da comunidade para iniciar uma discussão sobre algum assunto relacionado à escola. O número é interessante, pois indica que, dos mais de 1,2 mil membros, apenas uma pequena amostra se mostrou interessada em propor conversas sobre algo relacionado a escola. É importante esclarecer que um membro pode propor quantos tópicos quiser, ou seja, em hipótese, um único membro pode ter proposto os 47 tópicos. Vimos, no entanto, que esse não é o caso, os tópicos foram propostos por pessoas diferentes. Dentro de cada tópico, é possível ao usuário comentar quantas vezes quiser.

Apesar da disparidade entre o número total de membros e o número de tópicos propostos por esses membros, o fato de haver discussões entre eles no fórum da comunidade até a presente data parece apontar que a rede social Orkut ainda mantém o interesse de seus membros, contrariando a premissa de que seria uma comunidade morta, premissa essa que surgiu influenciada pelo que classificaremos como a necessidade de seus membros primordiais de estarem entre iguais em uma área exclusiva.

A descrição que apresenta a comunidade sobre a qual nos detivemos é:

Esta comunidade foi criada para as pessoas que tiveram o privilégio de estudar ou lecionar, independente do ano, na [escola em questão]. Aqui poderemos reencontrar velhos amigos ou quem sabe fazer novas amizades. Por motivos óbvios, à partir de 20 de setembro de 2007 esta comunidade NÃO PERMITIRÁ POSTAGEM ANÔNIMA! (TEMOS BONS MOTIVOS PARA TOMAR ESTA DECISÃO). Também não serão aceitas ofensas e propagandas que não tenham nada haver com a comunidade. Este espaço é de todos. SEJAM MUITO BEM VINDOS! Princípios: As pessoas INTELIGENTES trocam ideias. As pessoas NORMAIS debatem fatos. As pessoas NÃO EVOLUÍDAS brigam (sic).

A primeira visita à comunidade foi feita por meio de certos termos, palavras-chave previamente definidas como “escola”, “educação”, “estudo”, “ensino”, “estudar”, “aula”. Utilizamos esses termos num primeiro olhar, pois procurávamos, em meio à cacofonia dos comentários típica de uma comunidade com tantos membros, informações que remetessem ao

primeiro objetivo dentro de uma escola: o ensino e aprendizado. Encontramos referências a esses termos, embora uma característica das comunidades – a falta de continuidade nas discussões – tenha se mostrado relevante para darmos novos rumos à nossa pesquisa, já que percebemos ser isso, a fragmentação de falas e informações, uma característica forte e determinante nas redes sociais.

Ao pesquisar as falas postadas pelos membros da comunidade que foram identificadas por meio dessas palavras-chave, nota-se que todos eles fazem uma apresentação e si mesmos, identificam-se como parte da escola e ressaltam o papel que a mesma teve em sua formação como indivíduo.

Temos tópicos abertos pelos membros que se referem a reencontro de alunos, comentários sobre professores que lá lecionaram ou lecionam, funcionários do passado e presente. Nossa premissa inicial era focalizar apenas alunos, mas encontrando tamanha diversidade de usuários, decidimos não recortar e excluir neste capítulo usuários com outras relações com a escola.

Há discussões sobre problemas estruturais da escola, que foram alvo de reportagens em veículos de comunicação locais nos últimos anos. Um dos tópicos propostos por membros da comunidade questiona o que se pode fazer para “salvar” a escola tanto estruturalmente (reforma do prédio, uso adequado dos espaços) quanto a “imagem” da mesma, que é descrita como negativa (má qualidade do ensino, professores ruins e alunos que são descritos com frequência como “bandidos”). Essa descrição confere com a pesquisa citada anteriormente, de Paula e Silva et al, (2010).

Há tópicos postados por pessoas que estudam ou estudaram lá, professores que lecionam ou lecionaram e funcionários que fazem ou já fizeram parte da equipe da escola. Ex-alunos perguntam sobre professores, em geral os tópicos intitulam-se “Quem se lembra do professor?”. Também há, em menor número, tópicos que propõem conversas sobre a atual situação da escola, outros iniciam uma discussão sobre o passado da instituição, mas contêm opiniões comparativas sobre o passado e o presente da unidade. As comparações acabam sendo finalizadas com nostalgia e reafirmam a ideia de que no passado havia mais respeito entre alunos e professores, ensino sério e que realmente podia mudar a vida dos estudantes, o que não ocorreria mais na atualidade.

Dentro da comunidade um fórum de discussão com tópicos propostos pelos próprios usuários contém uma questão que nos chamou a atenção: “Qual parte da Escola te marcou mais?” (sic). A pergunta, simples e objetiva, abria um leque de possibilidades que englobam

várias discussões de outros tópicos e encontramos nas respostas as informações que acreditamos atenderem aos objetivos de nossa pesquisa. As temáticas veiculadas nessa comunidade foram alvo de análise, buscando o exame dos significados que os membros atribuem à escola e aos estudos. Contamos 18 respostas de 18 usuários da rede social e membros da comunidade em questão, que tornaram-se nosso alvo para analisarmos “quem” escreve na rede nesta comunidade.

O acesso aos diversos tópicos dentro dessa comunidade foi feito em seguida, com o objetivo de ler o modo ao qual referem-se a si mesmos, analisar a relação que estabelecem naquele espaço com outros membros e o que falam sobre a escola onde estudam, estudaram, trabalham ou trabalharam.

**c) Análise dos resultados:** Para esta fase da pesquisa, foi utilizada a bibliografia referente à análise qualitativa em ciências humanas, em especial o trabalho de Bardin (1977) sobre análise de conteúdo. A autora entende como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

Por inferência, Bardin (1977) entende a dedução com lógica, que está entre a descrição e a interpretação, partindo da mensagem e do meio para conhecer o emissor. As inferências visam responder quais as causas da mensagem e as consequências da mesma.

A tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente “desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista, através ou ao lado da mensagem primeira”. (Ibid., p. 41).

A análise de conteúdo, segundo o autor, é um processo

(...) arborescente, técnicas e interpretações atraem-se umas as outras e, à la limite, não é possível esgotar o discurso (este pode ser considerado esgotado quando os procedimentos já nada adiantam de novo (Ibid., p. 80)

Ler e reler o conteúdo, passando de uma “leitura flutuante” (BARDIN, 1977, *passim*) para “uma espécie de ‘impregnação’ do seu conteúdo” (MICHELAT, 1980, p. 48).

Outro ponto importante nesta etapa é a consideração tanto do conteúdo manifesto quanto do conteúdo latente do material. É preciso que a análise não se restrinja ao que está

explícito, mas procure ir mais a fundo, “desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’” (LÜDKE; ANDRÉ, 1988, p. 48).

A classificação de dados decorrente das sucessivas leituras de perfis e conteúdo da comunidade referida foi feita para facilitar a identificação dos discursos dos membros analisados: é preciso contextualizar os termos e seus usos e também verificar as mensagens presentes nas ausências de uso de certos termos ou de certas informações, já que em se tratando de redes sociais, esconder é tão importante quanto revelar.

A tarefa de análise dos dados implicou na organização de todo o material coletado, dividindo-o em partes, relacionando-as e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Com isso procuramos identificar algumas categorias para análise que surgiram dos próprios dados coletados. Essas tendências e padrões foram reavaliados, buscando-se relações e inferências entre elas.

A partir destas análises procuramos estudar a construção da narrativa feita pelo usuário sobre si mesmo e o significado que atribui à escola e aos estudos nesse processo, dentro da comunidade referida no Orkut.

No primeiro capítulo, analisaremos o contexto histórico-cultural em que a internet e as redes sociais nela inseridas surgiram, incluindo aí o Orkut, explicitando as transformações “fora” da internet e o fortalecimento das relações “dentro” dela. Também explicaremos o funcionamento do Orkut, como é feita a interação dentro dele, que tipo de informações podem ser disponibilizadas e a partir daí como o usuário pode se apresentar, inventando e reinventando uma identidade para si mesmo dentro da rede. A queda no número de usuários, registrada no último ano, em comparação a outra rede similar, o Facebook, também aparece aqui, tendo seu aspecto mais relevante despertado nossa atenção: a categorização do Orkut como rede social “popular” e o fortalecimento da ideia de que essa popularização é prejudicial e desestimulante para uma fatia dos usuários de rede sociais, que migraram para outras redes.

No capítulo 2 o foco é a escrita do eu: por que escrever sobre si mesmo? Repassaremos o contexto histórico e social do surgimento da internet e como a escrita do eu se transformou com esse advento. Também falaremos sobre a vida pública e privada.

Já no capítulo 3, o objetivo é apresentar as falas e analisar o que eles falam da escola, examinando o significado que os membros da comunidade atribuem à própria escola e aos estudos.

O capítulo 4 é dedicado a quem fala sobre a escola na comunidade: nele analisamos o

perfil que aparece nas falas e também o perfil construído por cada um dos 18 usuários que responderam à pergunta escolhida para caracterizarmos quem fala sobre a escola na rede e na comunidade buscando investigar a narrativa que integrantes que constroem sobre eles mesmos. Neste trecho, usaremos as falas desses membros na íntegra, como citação, trocando o nome de cada um para preservarmos suas identidades e nos referindo a eles como Usuário de 1 a 18.

Para encerrar, faremos as considerações finais sobre essa investigação, o que podemos chamar de resultado dessas análises.

## **CAPÍTULO 1 O contexto histórico-cultural do surgimento da internet e redes sociais**

### **1.1 A internet surge e adentra a vida real**

A internet insere-se dentro das transformações sociais, culturais e políticas construídas com o advento da tecnologia da informação na segunda metade do século 20 e primeira década do século 21. Não obstante a atual disponibilidade em computadores portáteis, telefones e outros itens de eletroeletrônicos, os primeiros esboços do que seria a internet surgiram a partir do desenvolvimento da tecnologia militar no período pós 2ª Guerra Mundial nos Estados Unidos e Inglaterra e não havia a intenção de disseminá-la ao resto do mundo, como esclarece Levy (1999).

A partir dos anos 70, a comunicação em rede foi apropriada pelas empresas, em especial pelas instituições financeiras, e era executada por frágeis computadores de grande porte. No final daquela década, no entanto, “um verdadeiro movimento social nascido na Califórnia na efervescência da contracultura, inventou o computador pessoal” (Ibid., p. 31).

Pode-se apreender daí que a invenção de uma máquina que colocaria o indivíduo em contato com outros geograficamente distantes estava profundamente relacionada com o contexto sócio-histórico-cultural dos Estados Unidos pós Guerra do Vietnã e pós Watergate. Don Tapscott (1999) classifica a geração desse indivíduo como baby boomer, pessoas nascidas entre 1946 e 1964, período de grande explosão demográfica nos Estados Unidos, Canadá e Austrália. Nesse período, após a 2ª Guerra Mundial, a economia dos países citados alcançou seu auge e os filhos dessa época formaram a massa populacional que modificaria os aspectos culturais, sociais e políticos dos anos 70 e 80. Na década de 70, os baby boomers norte-americanos se viram confrontados com a atmosfera de desilusão criada pela Guerra do Vietnã (com cerca de 50 mil norte-americanos mortos em combate), a crise do petróleo (as nações produtoras começaram a regular o escoamento da produção petrolífera por conta de sua natureza não renovável e em 1973 o valor do barril mais que triplicou em três meses) e o Watergate (crise política surgida em 1972 com a descoberta de que o então presidente dos EUA, Richard Nixon, havia autorizado a espionagem de seus adversários, culminando com sua renúncia em 1974). Um sentimento de desconfiança de que as instituições estadunidenses na época eram incapazes de representar o indivíduo foi fomentada desde então.

E não só a desilusão provocou o fortalecimento da cultura individualista. Ainda segundo Tapscott, a geração que inventou o computador pessoal estava ampliando o tempo em que

podia ser jovem:

Para os boomers que não pertencessem à classe trabalhadora ou que não fossem de origem pobre, havia poucas razões para crescer. Ser jovem fazia parte de algo grande. Em 1955, os jovens estavam por toda a parte. Quase 57% das famílias tinham filhos com menos de 18 anos e, ao contrário de agora, havia maior probabilidade de que houvesse mais de um filho em casa (Ibid., p.20)

“Esticando” o tempo, os boomers adiaram a paternidade e maternidade. Já nos anos 80, quando os membros dessa geração estavam no auge da produção acadêmica, científica e artística, o computador pessoal começou a ganhar contorno, com “o desenvolvimento e a comercialização do microprocessador (unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico)” (LEVY, 1999, p.26) deixando de ser um equipamento de uso técnico, isolado em grandes salas a serviço de instalações militares, instituições financeiras e encarando a adaptação para os lares.

Uma máquina que serve apenas a uma pessoa, podendo ser configurada e utilizada para obtenção de informações delimitadas apenas por esse indivíduo, parece um avanço compreensível para atender às expectativas que se configuravam:

Neste estudo não nos interessa a técnica em si. Contudo é necessário expor as grandes tendências da evolução técnica contemporânea para abordar as mutações sociais e culturais que os acompanham. (Ibid., p.27).

A espontaneidade e imprevisibilidade da criação do microcomputador também delinearam a criação da internet ainda que a proliferação do computador pessoal não aconteceu paralelamente à proliferação do uso da internet. Foi somente no final da década de 80 e início dos anos 90 que ocorreu o que Levy chama que “novo movimento cultural”, seguindo o anterior, que inventou o computador pessoal.

As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e de conhecimento. (Ibid., p. 27).

A conexão com outros indivíduos feita por uma máquina instalada em um cômodo da casa de um bairro residencial “não é mais um centro, e sim um nó, um componente da rede universal calculante” (Ibid., p.39). O uso da internet desenvolveu-se com o que Tapscott (1999) nomeia de baby busters (nascidos entre 1965 e 1976) e os filhos do eco do baby boom (os bebês nascidos em

sua maioria após 1978, quando os boomers começaram a ter filhos):

Em 1983 apenas 7% dos lares possuíam computadores. Em 1997, o número havia crescido para 44% e colossais 60% de lares com filhos. Em 1996, apenas 15% de todos os lares nos EUA tinham acesso à Internet e à World Wide Web, mas durante esse mesmo período, um em cada dez usuários da Internet de todo o mundo tinha menos de 16 anos de idade”. (Ibid, p. 21)

O impacto da internet foi definido, ainda em 1998, por Tapscott, que a chamou de “a rede das redes” e a classificou como capaz de redefinir comércio e economia do mundo todo:

Quando computadores de todas as áreas são interligados em rede, está surgindo nada menos do que um novo meio de comunicação humana, que poderá suplantiar todas as revoluções anteriores – a prensa tipográfica, o telefone, a televisão, o computador – no seu impacto sobre nossa vida econômica e social (Ibid., p. 23).

Ele vê, porém, uma diferença fundamental entre televisão e internet: a interatividade. A televisão seria então, uma tela de onde se observa algo acontecendo, algo que não pode ser controlado e incrementado pelo usuário. A tela do computador conectado à internet é, segundo ele, o lugar em que se observa a ação do usuário acontecendo, criando e modificando conteúdo.

Isso torna a internet fundamentalmente diferente de inovações tecnológicas anteriores, como o desenvolvimento da prensa tipográfica ou a introdução da difusão radiofônica ou televisiva. Essas tecnologias são unidirecionais e controladas por adultos. São hierárquicas, inflexíveis e centralizadas. Não é de se estranhar que reflitam os valores de seus proprietários adultos. Em contraste, a nova mídia é interativa, maleável e distribuída em seu controle. Como tal, abriga uma neutralidade muito maior. A nova mídia fará o que lhe for ordenado (Ibid., p. 25).

Tais transformações sociais, culturais e políticas construídas com o advento da tecnologia da informação na segunda metade do século 20 e primeira década do século 21 necessitam de contextualização para, como discorre Manuel Castells (1999), entender que a revolução tecnológica que vivenciamos tem penetrabilidade e altera todas as áreas humanas.

A tecnologia da informação é para essa revolução o que novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas, do motor à vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo a energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial. (Ibid., p. 68)

Ele também coloca como um dos aspectos chave a interatividade promovida pela internet: os consumidores produzem o que consomem, fornecendo conteúdo e dando forma à teia. Um dos

“locais” onde essa interatividade aparece com mais força na internet é nas chamadas redes sociais, dentre os quais o Orkut, nosso objeto de pesquisa. Para definir rede social, adotamos a concepção de Haythornthwaite e Wellman (apud Recuero 2009, p. 1): “Quando uma rede de computadores conecta uma rede de organizações e pessoas, é uma rede social”. E mais:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem da rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 24)

A princípio, o site de uma rede social não é mais que uma ferramenta (Ibid, p. 94): é o uso que fazemos dessa ferramenta que a determina como uma rede social. Recuero (ibid) divide as redes em dois tipos: as emergentes (por exemplo, os fotologs) e as de filiação ou associativas (Orkut, nosso objeto de pesquisa).

Para comparação, definimos aqui o que são as primeiras: fotologs são páginas onde o usuário disponibiliza fotos com informações sobre o local onde a foto foi tirada ou sobre quem aparece na foto. Segundo Recuero (ibid.), um fotolog não é originalmente um espaço onde são disponibilizadas informações detalhadas sobre o usuário, o perfil, nem são expostas suas conexões, mas pode englobar essas informações a partir da interação entre usuário e visitantes nos comentários sobre a foto estabelecendo assim, pouco a pouco, uma cadeia de informações sobre o mesmo.

Já o Orkut, como rede social de filiação ou associativa, “possui mecanismos de individualização (personalização, construção do eu, etc.)” (Ibid., p.103). O Orkut e similares são sistemas cujo objetivo é tornar público o perfil e conexões do usuário, bem como ampliar tais conexões.

É preciso também entender quem são os elementos que formam uma rede social. Os atores, como definidos por Recuero (2009, p.25) são “o primeiro elemento da rede social” e são representações dos atores sociais, ou “construções identitárias do ciberespaço” (Ibid., p. 25), ou seja, um perfil no Orkut é a representação de um ator social que se manifesta em uma rede social. É preciso perceber a construção de um perfil como uma possível narrativa de si mesmo, mesmo que não possamos chamar a essa narrativa de identidade do indivíduo, já que o perfil montado em uma rede social abarca informações editadas pela própria estrutura da rede social e pode ser alterada a qualquer momento.

Em 2008, foi divulgada a Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2007 (Cetic, 2008), realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil. Entre os apontamentos do estudo, está a ampliação do uso de computadores nas casas de famílias brasileiras, em que proporciona contato com redes sociais de grande popularidade, como o Orkut:

(...) os destaques foram o expressivo aumento na posse de computadores em domicílios de renda familiar entre dois e cinco salários mínimos; o crescimento no uso da banda larga, que ultrapassou a conexão discada nos domicílios; e a explosão do uso das lanhouses, que se tornaram o principal local de acesso à Internet no país. (Ibid., p. 7)

Lançado em janeiro de 2004 por um engenheiro da Universidade de Stanford, o Orkut é uma grande comunidade virtual filiada à empresa de tecnologia informática Google que abriga pequenas comunidades as quais seus membros são associados.

Uma vez integrado ao Orkut, o usuário faz um cadastro onde preenche itens que vão desde “filmes” e “música” até peso, altura e uma seleção dedicada a interesses amorosos. É possível, inclusive, apontar se a presença no Orkut se dá por interesse em fazer amigos, namorar ou estabelecer contatos profissionais.

O Orkut insere-se dentro das transformações sociais, culturais e políticas construídas com o advento da tecnologia da informação na segunda metade do século 20 e na primeira década do século 21. É preciso contextualizá-la para, como discorre Manuel Castells (1999), entender que a revolução tecnológica vivenciada hoje tem penetrabilidade e altera todas as áreas humanas.

A tecnologia da informação é para essa revolução o que novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo a energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial (Ibid., p. 68).

Um dos aspectos chave destacados por Castells (Ibid., p.439) em sua análise é a interatividade promovida pela internet: os consumidores produzem o que consomem, fornecendo conteúdo e dando forma à teia.

Ainda segundo o autor, as comunidades virtuais, como o Orkut, não podem ser definidas como melhores ou piores que as comunidades físicas – são diferentes e a primeira não segue modelos da segunda: “Funcionam em outro plano da realidade” (Ibid., p. 445). A mesma observação é feita por Pierre Lévy (1999) ao expor sua busca pelo paradeiro de um amigo há muito afastado – em 15 minutos ele encontra o e-mail de uma conhecida em comum que lhe fornece

coordenadas para encontrar o amigo: “O ‘virtual’ não substitui o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo” (Ibid., p. 80).

Mais um aspecto a ser destacado nas comunidades virtuais é a possibilidade de ampliação dos vínculos sociais do internauta em dias de distanciamento espacial físico.

Os vínculos cibernéticos oferecem a oportunidade de vínculos sociais para pessoas que, caso contrário, viveriam vidas sociais mais limitadas, pois seus vínculos estão cada vez mais espacialmente dispersos (CASTELLS, p. 446).

O fenômeno do Orkut traz à tona discussões acaloradas sobre os benefícios (referidos como “inclusão digital”, possibilidade de conhecer pessoas de outras cidades com outras vivências e opiniões) e malefícios (disseminação da pornografia infantil e de comunidades que fazem apologia à violência contra minorias, por exemplo) surgidos daí.

A internet, assim como a televisão, é instrumento que ultrapassa a função de entreter. Em sua tese de mestrado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), intitulada “A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo Orkut– Um Retrato da Modernidade Líquida” (2008), a pesquisadora Rosângela de Araújo Medeiros, aponta que:

Vislumbra-se a efervescência das redes sociais virtuais, ou redes de relacionamento online. São redes fluidas, que têm o objetivo de envolver mais pessoas, de forma rápida, desconsiderando as amarras do espaço e do tempo. (MEDEIROS, p.50)

Essa efervescência, como citada pela autora, é ao mesmo tempo grande atrativo e empecilho para a abordagem e pesquisa em comunidades dentro de uma rede social. Escolhida a comunidade sobre a unidade escolar como objeto de estudo, a primeira leitura dos comentários deixados pelos membros sobre a escola deixou claro que a abrangência das discussões poderia render não apenas esse, mas diversos estudos. Tais informações, ou melhor, pedaços de informações, formam um mosaico que ampliou nosso campo de visão: não poderíamos apenas procurar “o quê” estavam falando, mas deveríamos buscar “quem” estava falando.

Michel Maffesoli (2000) traz-nos a nova configuração da pós-modernidade, onde é verificada a existência de tribos afetivas, dentro de uma estrutura complexa e orgânica (a sociedade), unidas pelo que o pesquisador chama de “emoção compartilhada”. O Orkut incluir-se-ia ali como ferramenta para a exploração dessa emoção.

Na pós-modernidade, encontra-se um “novo vínculo social surgindo a partir da emoção compartilhada ou do sentimento coletivo” (Ibid., prefácio à 2ª Edição). Tal vínculo, ao qual o autor se refere, pode ser visto no fenômeno das comunidades existentes no Orkut, em que “amar”

e “odiar” algo ou alguém une ou separa os membros, cuja adesão aos grupos é utilizada nas comunidades para se apresentarem aos demais membros, sejam amigos ou desconhecidos.

Portanto, dentro da tribo de usuários do Orkut configuram-se novas tribos: pessoas unidas por gostos e aversões, regidas pela “lei do meio”, algo que Maffesoli (2000) identifica tanto em gangues de criminosos, bolsa de valores e meio acadêmico. Para ele “a história pode dignificar uma moral (uma política); o espaço por sua vez, vai favorecer uma estética e produzir uma ética” (Ibid., 2000, p.22).

Vimos que a comunidade emocional é instável, aberta, o que pode torná-la, sob muitos aspectos, anômica com relação à moral estabelecida. Ao mesmo tempo ela não deixa de suscitar um conformismo estrito entre seus membros. Existe uma ‘lei do meio’, à qual é muito difícil escapar (Ibid., p.22).

Frente ao exposto acima, dentro do contexto sociocultural brasileiro, é importante destacar que redes sociais como o Orkut mantêm o indivíduo visível e atuante como indivíduo e, no caso dos jovens em idade escolar, desviando-se de estigmas padronizadores como os propostos pela educação convencional. Stuart Hall (2001) discorre sobre a visão iluminista do indivíduo e a necessidade de abandoná-la:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2001, p.12-13).

Entram aí as redes sociais da internet como sistemas de representação cultural. Há a possibilidade de reinventar-se dentro delas, e portanto, há a necessidade de avaliar o papel do Orkut como ponto de encontro e de manifestação dessa visibilidade adquirida. Muitas vezes ele assume a mesma função de espaços como bares, lanchonetes, escola, praças: são locais onde os jovens encontram-se para paquerar e conversar com os amigos sobre assuntos variados, ou seja, atividades que tem grande relevância para a construção de suas identidades.

Em sua dissertação, Medeiros (2008) enfoca o aconchego encontrado pelos indivíduos em redes sociais, ao mesmo tempo em que se mantêm distantes e seguros, graças a virtualidade. No entanto, a pesquisadora diferencia comunidades virtuais de redes sociais na internet, pois uma comunidade virtual tem maior caráter de permanência e laços sociais mais fortes, enquanto a rede social surge de interesses semelhantes e troca de informações, mas tal fenômeno não se apresenta como regular:

O que se observa é que uma comunidade virtual é um tipo muito específico de rede social, com maior caráter de permanência e troca de informações e interesses com permanência e regularidade, bem como de laços sociais fortes. (...) As redes sociais em geral envolvem troca de informações e aglutinação, por interesse, interação, mas nem sempre envolvem a regularidade dessa interação entre os membros. Desta forma corroboramos com Recuero (2002) quando defende que uma comunidade virtual é uma rede social, mas não necessariamente o inverso pode acontecer (Ibid., p. 57-58).

A diferenciação também é feita pelos pesquisadores Daysy da Costa Lima Fonseca e Edvaldo Souza Couto (2004), que selecionam quatro aspectos definidores de uma comunidade virtual: a) a relação de interatividade entre os participantes b) vários participantes comunicadores efetivando interatividade c) espaço público para membros da comunidade interagirem na troca de mensagens individuais ou coletivas e d) alto grau de associação fixada por um quantitativo perene de associados para efetivar comunicação (FONSECA e COUTO, 2004, p. 129).

O Orkut, embora não funcione como um diário, permite a reorganização da história individual, pois personaliza e destaca preferências e opiniões acerca de assuntos variados, desejos e motivações. Ao escolher uma determinada fotografia ou citação (no campo “quem sou eu” do perfil) o indivíduo apresenta-se aos outros usuários aquilo que deseja apresentar.

Em *Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos*, Contardo Calligaris (1998), aborda justamente o uso que o indivíduo faz de ferramentas que permitem a reinvenção de si mesmo.

Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Ou debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. O ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e seu conteúdo (Ibid., 1998, p. 49).

Calligaris também destaca a função puzzle (quebra-cabeças) operada pelos diários, livros de memórias e autobiografias, cuja reconfiguração pode facilmente ser percebida em redes sociais e também em blogs.

É uma verdade que concerne ao sujeito autobiógrafo em um passo sempre crucial: o passo que consiste em se dar (de uma só vez ou no dia-a-dia) significação e consistência. Essa verdade crucial não pode ser julgada no tribunal da verdade factual. Omissões, acréscimos, remanejamentos, são peças do puzzle do sujeito em um momento do seu fieri. Nesse sentido (um pouco diferente de suas intenções) vale a ideia de Lacan de que a verdade está em uma linha de ficção. Sob a condição de entender que ficcionalizar a própria vida é o jeito ocidental moderno de orientá-la e reorientá-la. (Ibid., p. 53)

No Orkut, a escrita não é profusa e protagonista, mas as ferramentas da rede permitem que o

membro construa uma nova identidade, mesmo que momentânea e fragmentada. Um exemplo disso é o espaço, na página inicial, destinado a exibição de uma fotografia. Não há restrições: tanto pode ser uma fotografia em formato 3x4, utilizada em carteiras de identidade ou trabalhos, quanto um personagem de filme ou desenho animado, animal de estimação, objeto, paisagem, parte do corpo etc., que represente ou mesmo informe algo sobre o dono daquele perfil.

O Orkut, assim como outras redes sociais, pode ser uma das ferramentas utilizadas para essa construção/descoberta de si mesmo. Ao preencher os espaços em branco oferecidos pelo site de relacionamentos, o usuário, seja ele de qualquer faixa etária, pode configurar-se como um indivíduo seguro, agradável, ‘descolado’, atraente, inteligente.

A respeito de usuários em idade escolar, destacar-se dentro do ambiente escolar é tarefa difícil. A padronização do ensino e o ensino da padronização nas escolas caminham paralelos à manutenção da exclusão: ao mesmo tempo que o ensino é igual para todos e coloca todos em carteiras escolares alinhadas, ele acentua a distância entre uns e outros, entre os “bons” e os “maus” alunos. Segundo Dubet (2003, p. 34), “abrindo-se, a escola não é mais ‘inocente’, nem é mais ‘neutra’; está na sua ‘natureza’ reproduzir as desigualdades sociais produzindo as desigualdades escolares”. E completa:

No final das contas, os alunos mais favorecidos socialmente, que dispõem de maiores recursos para o sucesso, são também privilegiados por um conjunto de mecanismos sutis, próprio do funcionamento da escola, que beneficia os mais beneficiados (Ibid, p.36).

Dentro de um ambiente em as cartas da exclusão parecem marcadas, procurar uma escapatória para uma identidade o qual seja possível reinventar-se pode ser imprescindível para o usuário de uma rede social, especialmente em idade escolar. As redes sociais assumem esse papel de válvula de escape para as agruras do mundo dito “real” – e isso vale para qualquer idade. É preciso também destacar que a existência de redes sociais na internet pode ser explicada pela nova configuração do indivíduo contemporâneo. Como explica Zygmunt Bauman (2004), em nossos tempos as ligações estabelecidas não duram “para sempre” e nem são feitas para que durem, como na vida de nossos antepassados. São desfeitas e refeitas de acordo com nossas necessidades: são conexões. Nas redes sociais como o Orkut, tornar-se amigo de alguém é possível com apenas um clique: nasce daí uma conexão, que pode ser desfeita com outro clique.

(...) as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que esperamos obter das relações precisamente porque, de alguma forma, estas não tem sido consideradas plenas e verdadeiramente satisfatórias (Ibid., p. 9)

Como bem demonstra Pierre Lévy (1999), a internet não substitui o motivo que leva uma pessoa a entrar em contato com outra, mas propicia uma nova forma de fazê-lo e incrementa as possibilidades de contato (sejam prolongados ou efêmeros). O interesse de estudar esse espaço explica-se pela possibilidade de compreender quais são as possibilidades de (re) criar-se dentro da internet e como isso pode alterar a percepção que o membro de uma rede social tem de si mesmo e dos outros, bem como das alterações nas suas relações com o outro e consigo mesmo.

Ao entrarmos nas leituras sobre as narrativas do eu, amplificamos o interesse pelo usuário que se manifesta na comunidade dentro do Orkut sobre a escola que é aqui nosso objeto de estudo. O “quem” é formado dentro da rede social pelos fragmentos deixados em comunidades como a estudada aqui, e por isso partimos para as leituras dos perfis dos usuários que se manifestaram dentro da comunidade. Não arriscamos dizer que o perfil é o retrato preciso do usuário fora da rede, pois há inúmeras possibilidades de modificação das informações ali deixadas, mas é essa construção dentro do Orkut que nos interessa e que responde a questão “quem?”. Não se espera que a pessoa que cria um perfil dentro da rede o faça de forma a apresentar-se fielmente neste perfil, pois como Calligaris (1998) demonstra, construir uma narração sobre si mesmo é uma invenção sobre si mesmo.

Relacionar a (re) construção da identidade ao universo de possibilidades proporcionado pela internet, em redes sociais como o Orkut, é um interesse recente dos estudos acadêmicos. A temática é atual, tornando esta pesquisa relevante, já que pretende colaborar com a compreensão do impacto da internet no cotidiano das pessoas, nas práticas e visões de mundo, destacando o significado da escola e os estudos. O interesse por essa relação se construiu e consolidou durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa, não sendo de cara visível.

A própria volatilidade e liquidez do tema, para permanecermos em termos difundidos por Bauman, levou a alteração progressiva dos objetivos deste trabalho: examinar o significado que membros de uma comunidade dedicada à uma escola dentro do Orkut dão à própria escola e aos estudos, caracterizar quem é então o usuário da rede e investigar a narrativa que integrantes do Orkut constroem sobre eles mesmos.

Uma rede social inserida nas transformações sociais, culturais e políticas advindas da revolução tecnológica que é a internet, o Orkut permite a comunicação com milhares de pessoas, de diferentes localizações geográficas, sendo utilizado por aqueles que já se conhecem pessoalmente ou por pessoas que, por terem interesses comuns, encontram-se e trocam

informações – a distância entre elas é sublimada pela transmissão de dados instantânea.

A criação de um perfil no Orkut é delimitada pelo preenchimento dos campos disponíveis, ou seja, é um enquadramento dentro do permitido pela estrutura dessa rede social (afirmativa válida para outras redes como o Facebook, Twitter e afins). Todos esses campos são passíveis de edição/modificação. O “quem sou eu” poderia ser entendido como “quem ‘estou’ eu”, uma vez que é possível preencher esse campo quantas vezes for desejado. O usuário que abre uma conta no Orkut em um período onde sua vida amorosa está satisfatória pode descrever-se como uma pessoa apaixonada, realizada e completa. Meses depois, com o coração partido, a descrição seria composta de dizeres que denotam uma pessoa vivenciando tristeza e solidão.

As informações ali disponibilizadas pelo usuário serão vistas por outros: desconhecidos, amigos, colegas de escola, de trabalho e familiares. O Orkut, assim como outras redes sociais, permite que algumas dessas informações sejam restritas apenas àqueles que já estão “adicionados” como amigos, ou então aos “amigos de amigos” ou mesmo a “todos”.

Restringir informações é também uma forma de narrar-se. É até mesmo possível encontrar membros do Orkut cujo perfil repele aproximações e contatos, por mais incoerente que isso pareça. Um usuário visualizado durante essa coleta de dados, mas citado apenas como exemplo, sem fazer parte da pesquisa central, mantém em seu perfil de apresentação a seguinte mensagem: “Não uso o Orkut...Se quiser me contatar, por favor, envie um e-mail”. A opção por manter um perfil que não se usa pode ser um meio de estar ali sem o comprometimento com as atividades disponíveis dentro da rede. É, portanto, uma identidade inventada como aquela do usuário que preenche todos os campos, disponibiliza todas as informações e usa o Orkut com frequência diária. Manter um perfil no Orkut em que se nega o seu uso é também uma forma de exibir-se e procurar a visibilidade, ver e ser visto, pois a única forma de não jogar as regras do jogo das redes sociais é, efetivamente, não pertencer a nenhuma delas.

Em sistemas como o Orkut, os usuários são identificados pelos seus perfis. Como apenas é possível utilizar o sistema com um login e senha, que automaticamente vinculam um ator a seu perfil, toda e qualquer interação é sempre vinculada a alguém. Para tentar fugir desta identificação, muitos usuários optam por criar perfis falsos e utilizá-los para as interações nas quais não desejam ser reconhecidos pelos demais. Portanto, através da observação das formas de identificações dos usuários da internet é possível perceber os atores e observar as interações e conexões entre eles (RECUERO, 2009, p.28)

Há diversas comunidades intituladas, com pequenas variações, “Quer privacidade? Sai do

Orkut!” (sic), a maior delas conta com 62.605 membros<sup>2</sup>. Essa apresenta a descrição, escrita por seu moderador:

Resolvi criar essa comunidade como uma forma de protesto. Estou de saco cheio de gente que entra no Orkut, critica, mas não sai de jeito nenhum. Como entender isso? Privacidade não se tem numa rede, quem está no Orkut vai aparecer. Isso não significa ter que colocar tudo que acontece consigo aqui e tal, mas haverá alguma exposição, algo inevitável, uma vez que, faz parte dele, não há como... Ficam passando lição de moral com explicações patéticas. Entrou na rede, apareceu! Se você também não agüenta mais essas pessoas, entre nessa comunidade! (sic)<sup>3</sup>

Podemos comparar o Orkut a um bar, por exemplo, onde pessoas encontram amigos, colegas de trabalho, trocam informações e conhecem outras pessoas com quem podem estabelecer amizade. Se há troca de informações e essa inclui dados pessoais (o que gosto de fazer no meu tempo livre, quais filmes e estilos musicais me agradam, o que penso sobre o atual governo, o que espero para o futuro, etc.) então manter uma conta sem utilizá-la, apenas para ter acesso às contas alheias ou ser visualizado sem comprometer-se a interagir, não soaria mesmo incoerente?

Voltemo-nos ao embasamento teórico. Para Lévy (1999), há no senso comum a ideia de que as relações virtuais substituem ou enfraquecem as relações de carne e osso, criando indivíduos que permanecem escondidos atrás do computador, interagindo apenas com outros usuários e perdendo assim a experiência de estar ao ar livre, do contato físico, do estímulo aos cinco sentidos simultaneamente. O encontro “real”, em comparação ao “virtual”<sup>4</sup> seria mais rico em informações e sensações para o indivíduo.

No caminho “real” para o trabalho ou para um encontro romântico, a estimulação sensorial e a absorção de novas informações ocorrem várias vezes, pois há o trânsito, pássaros, árvores, o entra-e-sai nos restaurantes, ônibus e lojas, crianças e adultos conversando... Neste processo, repetitivo, as relações e transformações sociais estão em franca expansão.

O que há no caminho “virtual” para esses mesmos hipotéticos destinos (trabalho e romance)? Ligar o computador, dentro da casa já familiar ou em uma lanhouse escurecida pelo filtro nos vidros não permite o mergulho na efervescência das ruas, no desafio de atravessar a cidade até o destino ansiado. Há ainda o laptop que cabe na bolsa, uma vez instalado sobre as

<sup>2</sup> Número de membros no dia do último acesso em 10 fev. 2012.

<sup>3</sup> Perfil da comunidade <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=6549498>>. Acesso em 10 de fev. de 2012.

<sup>4</sup> Utilizaremos aspas, pois as definições desses dois termos contêm inúmeras possibilidades e contradições e queremos as mais comuns, por enquanto.

pernas do usuário em um parque ou mesa de lanchonete (desde que disponham de sistema wireless, o qual permite a conexão com a internet sem fios e cabos), seu uso possibilita que se ignore o que acontece ao redor – quanto maior o silêncio mais facilmente ocorre o isolamento do usuário e melhor é sua concentração ao que realmente interessa: a máquina que promove a conexão com o objetivo, seja trabalho ou amor.

Essa diferenciação estabelecida acima, que claramente depõe contra o virtual, não é justa ou verdadeira segundo Lévy (1999). Para o estudioso, o contato físico não é substituído ou enfraquecido pelo virtual, mas complementado, enriquecido.

Outro exemplo simples dado pelo autor é que, embora seja possível visualizar paisagens diversas em sites que ofereçam imagens e vídeos em alta definição, o mercado de viagens e turismo não sofreu abalos com a difusão do acesso à internet. As pessoas que dispõem de recursos ainda viajam para praias e colocam os pés na água – a internet traz informações para organizar e escolher quando e onde mergulhá-los.

Uma rede social como o Orkut não promoveria, de acordo com ele, o fim do contato humano e também os relacionamentos mantidos por esse meio não são destituídos de sentimentos distantes, frígidos:

Para aqueles que não as praticaram, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações online não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento e um adicional (LÉVY, 1997, p.115-116)

Os internautas são, segundo Lévy (1999), avessos às censuras nas discussões sediadas em sites de relacionamento, mas criou-se o que o filósofo chama de “netiqueta” entre os usuários virtuais. Isso pode ser confirmado em comunidades no Orkut, onde o novo usuário, ao solicitar a entrada em uma comunidade, depara-se com uma série de avisos definidos pelo criador da mesma, geralmente destinadas a evitar ofensas pessoais, manifestações racistas ou inserção de conteúdo pornográfico (neste último caso, a menos que a comunidade se destine aos apreciadores de pornografia).

No Orkut, a comunidade intitulada “Rio Claro”, com 18.358 membros<sup>5</sup>, destinada a discutir os mais variados assuntos acerca do município paulista, tem uma lista de regras bastante específicas para tentar ordenar as discussões, exemplificando a “netiqueta” apontada por Lévy

---

<sup>5</sup> Dado coletado em 10 de fevereiro de 2012.

(ibid.) (aqui destacamos que o autor compôs suas teses sobre o relacionamento ente internautas alguns anos antes da disseminação das comunidades virtuais, como Orkut, Facebook e similares):

A comunidade visa o respeito entre as pessoas que dela participam e para isso, infelizmente foi necessário instituir algumas regras para garantir a ordem da comunidade, bem como a integridade humana

1 - Fakes não serão aceitos

2 - Aquele que de alguma forma insultar o outro será punido.

3 - Propagandas e comércio não serão permitidos.

4 - Sejam conscientes no tipo de jogo que vão colocar na comunidade. Algumas serão excluídas.

5 - Moderação no tópico sobre RC e Velo, quem ofender será expulso.

6 - Coloque em letras MAIUSCULAS o assunto do tpc. (TEMA - título do tpc)

Contamos com a colaboração de todos para garantir a integridade da comunidade e de cada membro desta!” (sic)<sup>6</sup>

O anonimato também não é bem visto. Opinar sobre determinado assunto em um fórum de discussões como anônimo elimina, segundo a “netiqueta”, a credibilidade de quem fala. Da comunidade acima citada, por exemplo, foi bloqueada pelo moderador a opção de participar como anônimo. Como resume Lévy (ibid.):

Mesmo se a afluência de recém-chegados por vezes a dilui, os participantes das comunidades virtuais desenvolvem uma forte moral social, um conjunto de leis consuetudinárias – não escritas – que regem suas relações (p. 116)

Em sua dissertação, Medeiros (2008) enfoca o aconchego encontrado pelos membros em redes sociais, ao mesmo tempo em que se mantêm distantes e seguros, graças à virtualidade.

Dentro de uma rede social como o Orkut podemos encontrar comunidades em que ocorrem as definições acima: são interativas, há trocas de mensagens coletivas e individuais etc. Dentro dessa rede social, uma infinidade de comunidades criadas por seus membros pode ser encontrada. O Orkut fornece ao criador de uma comunidade uma lista de categorias para incluir uma nova comunidade. Se se quiser criar uma comunidade intitulada “Adoro gatos e cachorros”, inevitavelmente que a associaria a uma categoria, no caso, a mais provável seria “Animais: de estimação ou não”.

---

<sup>6</sup> Perfil da comunidade <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=35359>>. Acesso em 10 de fev. 2012.

Aderir a uma ou várias delas é também uma forma de responder à questão “quem sou eu?”, ou melhor, “quem ‘estou’ eu?”. Um exemplo hipotético é a de um usuário que mantém em sua lista de comunidades uma intitulada: “Pela legalização do aborto!”. Podemos supor o seguinte cenário: um colega de trabalho contrário ao aborto visita seu perfil e constrói uma opinião sobre quem é seu colega, modificando sua relação com ele no ambiente offline. Nesse caso, a identidade criada em um perfil do Orkut dialoga com as relações não-virtuais que estão no “mundo real”.

Para Bauman (2007), a internet dá vazão à ânsia do indivíduo em experimentar as tentações e oportunidades incansavelmente produzidas, promovidas e oferecidas a qualquer um com disposição e interesse para renovar-se, reinventar-se.

Recauchutar identidades, descartar aquelas já construídas e experimentar outras resulta diretamente de uma vida passada num tempo pontilhista, em que cada momento está cheio de oportunidades inexploradas que, senão forem tentadas, provavelmente morrerão sem terem sido reconhecidas e sem testamento (Ibid., p. 146).

Essa instabilidade, que também é possibilidade de reinvenção, é típica de nossa época. Difere da sociedade moderna e “sólida”, que possuía um sistema de produção do trabalho que permitia ao sujeito exercer o papel social e profissional por toda a vida, mantendo-se fixo e estável, sem a ameaça de uma estrutura social volátil. Sua identidade era construída por ele dentro de seu trabalho, da família, seguindo as regras de uma sociedade que permitia planejamento e a execução de um “projeto de vida”. A “ordem social” e o “projeto individual” eram interdependentes e asseguravam a imutabilidade do sujeito para garantir a solidez da sociedade e vice-versa.

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme posição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida, exuberante e imutável identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo. (BAUMAN, 1998, p.30).

O “projeto de vida” já não pode ser executado, a solidez tornou-se líquida, a desordem e a incerteza são as únicas constantes na vida contemporânea. O contexto sócio-político cultural não fornece opções fixas de papéis a serem exercidos, de funções, linhas, caminhos e projetos a serem seguidos:

Os projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável em que acomodem uma âncora e os esforços da constituição de uma identidade individual não podem retificar as consequências do ‘desencaixe’, deter o eu flutuante e à deriva. (BAUMAN, 1998, p.32).

A identidade é motivo de outro grande problema: deve-se construí-la e fortalecê-la, mas

não é bem visto carregar uma única e imutável identidade por toda a vida em um mundo marcado pela volatilidade, em que a consolidação do ser pode impedir a adaptação à mutação instantânea das condições de vida.

A incerteza não é presente somente na individualidade, mas na construção da estrutura social “da futura configuração do mundo”. A incerteza torna as variáveis utilizadas para se estabelecer uma lógica do que está por vir quase inexistentes, volúveis demais. Não há mais “redes de segurança” onde o indivíduo possa se refugiar da hostilidade cotidiana: a família, por exemplo, é uma instituição tão frágil e volúvel como todas as outras.

Sem um ponto de observação fixo e impenetrável para reduzir a liberdade de ação das pessoas, a sociedade contemporânea cria uma nova forma de controle: o indivíduo tem que se atualizar constantemente para acompanhar as novidades que lhe são oferecidas. E escolher entre essas novidades tornou-se símbolo de independência e liberdade: o acúmulo de experiências é objetivo maior que a própria experiência.

A interação entre usuários e a criação ou manutenção de um perfil depende do uso de certos campos onde informações podem ou não ser introduzidas: são ferramentas de comunicação e acesso ao conteúdo de um perfil. Mas como esses sintomas de nossa era se fazem visíveis em uma rede social da internet? Vejamos: estão presentes até mesmo nas ferramentas que qualquer usuário utiliza para se comunicar, expressar opiniões e delinear o que quer mostrar aos outros membros. Uma das ferramentas disponíveis para o usuário interagir com outros membros no Orkut é o scrap. A definição para a palavra, em língua inglesa, é “pedaço, fragmento, pedacinho, resto; pedaço de jornal, de papel, recorte (...)” (Dicionário Inglês-Português Michaelis UOL). A página de scraps é destinada aos recados de um usuário ao outro. Cada usuário pode determinar quais grupos são autorizados a deixar esses recados: “amigos”, “amigos de amigos” ou “todos”. Essas notas servem às mais variadas finalidades: marcar encontros, passar informações, desejar bom dia etc.

Já os “depoimentos” são textos que um usuário adicionado como “amigo”, “colega” ou “conhecido” pode escrever e que será visto por outros usuários. É parte constituinte do “quem ‘estou’ eu”. Imaginemos uma usuária que receba um depoimento de seu namorado, repleto de elogios, declarações apaixonadas e destacando o que ele considera positivo sobre a amada. Esse texto compõe, com os outros campos preenchidos pela proprietária do perfil, uma persona que será visualizada e reconstruída por quem lê. “Aceitar” um depoimento é uma das ferramentas do Orkut: ao ser escrito e enviado, o texto fica invisível aos outros usuários até ser aprovado pelo

destinatário. Por isso é uma ferramenta também utilizada para enviar dados como endereço residencial, números de telefone e de contas bancárias, por exemplo. Não precisamos lembrar que dificilmente um depoimento de um desafeto, contendo acusações e críticas, será aceito pela usuária hipotética. O “outro”, o leitor dos elementos do perfil que são preenchidos pelo usuário, incluindo aí o depoimento, é na era moderna-líquida, visto por Bauman como o executor da aprovação desejada:

No jogo da identificação mediado pelo internet, o Outro é, por assim dizer, desarmado e desintoxicado. É reduzido pelo internauta ao que de fato conta: à condição de instrumento de autoconfirmação pessoal. A necessidade pouco atraente de garantir a autonomia e a originalidade do Outro, e de aprovar suas reivindicações a uma identidade própria, para não mencionar a repugnante necessidade de vínculos e compromissos duradouros, inevitáveis na batalha offline por reconhecimento, é eliminada ou pelo menos mantida fora dos limites enquanto durar a conexão. A socialização virtual segue os padrões do marketing, e as ferramentas eletrônicas desse tipo de socialização são feitas sob medida para as técnicas mercadológicas. A grande atração é o puro prazer do fazer-crer, com a parte insípida do ‘fazer’ quase eliminada da lista de preocupações daqueles que fazem, já que permanece invisível para os que ‘creem’ (BAUMAN, 2007, p.148).

Orkut é, portanto, uma rede social onde a instabilidade e volatilidade vivenciadas pelo sujeito moderno são socializadas e afirmadas. O “eu” inventado e constantemente modificado é protagonista. Criar um perfil, exibicionista ou comedido, é obrigatório: a partir do momento em que se cria um perfil, cria-se um novo eu que precisa ser visto e que pode mudar de acordo com a vontade do usuário.

Dedicado ao estudo da autobiografia, Philippe Lejeune (2008) flagrou a passagem do diário escrito manuscrito e datilografado para o digitado. A princípio, seus entrevistados (e o próprio autor) relatam a relação com a tela do computador, o abandono ou resistência ao abandono do caderno, do papel e a contradição de imprimir o que foi gravado no disco rígido. Posteriormente, com a expansão do acesso à internet, surge a tentação: publicar os escritos em um blog, submetendo informações até então privadas ao escrutínio de leitores, cujo paradeiro e intenções são desconhecidos: “Só existimos em relação. A internet fornece um dispositivo que concilia, numa mesma experiência, o recolhimento e o retorno ao outro!” (Ibid., p. 343), e completa: “Se dermos uma olhada na história do diário íntimo, veremos que o computador está realizando o sonho de uma série de pessoas que esbarravam nos limites do caderno” (Ibid., p. 334).

Para o pesquisador, escrever visando a publicação na internet é um ato comunitário, não solitário. Apesar de escrever sobre si mesmo, suas impressões dos fatos cotidianos etc., um diarista virtual não visa apenas um leitor, mas um grupo, toda uma comunidade de pessoas que estão ali

pelos mesmos motivos: ler e serem lidos:

Se você está na web, cai em um espaço cuja lógica se opõe a do diário íntimo: a instantaneidade (ao invés do prazo), a comunicação (ao invés da reserva).

(...) É o que chamo de campo de amizade: não apenas relações duais, mas espírito de grupo, solidariedade. Bom, então é claro que não igual ao caderno. Mais uma lista: 1) a regularidade (sem isso, você perde seu público); 2) o desejo de seduzir (claro, você está no palco) e 3) a autocensura (diferenciar os diários-crônicas dos diários íntimos de fato). (Ibid., p. 334-343)

## 1.2 A popularização do Orkut e a “orkutização” do exclusivo

É preciso destacar que até recentemente o Orkut era o líder no número de usuários apenas no Brasil dentre as redes sociais existentes, tendo deixado de ser a rede mais populosa apenas em janeiro de 2012, segundo dados divulgados pela consultoria comScore. A relevância de seu papel como difusor de informações carece de avaliação e parece estar, para a fatia dos usuários de rede social que o abandonaram, caindo no ostracismo. Outros, como Lemos (2009), fornecem dados interessantes sobre a diversidade sociocultural brasileira.

O Orkut passou a ser, recentemente, alvo de críticas que florescem de membros e ex-membros brasileiros devido à popularização de seu uso. Por “popularização” essa fatia de usuários entende o mau uso da rede, descontentamento que criou uma gíria utilizada em larga escala para definir atividades e preferências consideradas de mau gosto: “orkutização”. Um exemplo disso seria as comunidades e manifestações existentes no Facebook contra a “orkutização” do mesmo. É notável que o movimento de migração dos membros do Orkut para o Facebook, como já citamos anteriormente.

Mas o que é a “orkutização”? Uma definição confiável pode ser dada pelo diretor do Centro de Tecnologia e Sociedade da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, que há dois anos já observava o fenômeno:

O significado é duplo. Por um lado, refere-se à excessiva exposição do Twitter na mídia, lembrando o que acontecia com o Orkut no final de 2004. Por outro, reclama da “popularização”, do fato de o site deixar de ser um reduto de antenados, geeks e nerds e ficar um pouco mais parecido com o mundo real (para o horror de muitos daqueles) (LEMOS, 2009)

O Orkut surgiu como reduto de poucos, cujas preferências eram similares: quem passava muito tempo na internet com acesso irrestrito a ela. Eram aqueles cujo poder aquisitivo permitia ter em casa um computador e uma boa conexão.

Com a ampliação do uso dos computadores por pessoas de diferentes classes sociais (graças ao barateamento do equipamento e dos pacotes para conexão) ocorrida nos últimos anos, as redes ganharam adeptos e, conseqüentemente, variedade. O que era visto como um clube exclusivo deixou de sê-lo.

Poderíamos aplicar aqui a ideia de que o Orkut, enquanto reduto para poucos e membros homogêneos, assemelhava-se à obra de arte descrita por Benjamin (2000): um objeto cuja “aura” existe enquanto não se torna disseminada. Em suas palavras: “Pode-se defini-la como única aparição de uma realidade longínqua, por mais próxima que ela possa estar” (Ibid, p. 215).

A reprodução de uma obra de arte eliminava a aura que havia em sua matriz. Benjamin viveu e escreveu sobre uma época em que a internet e as redes sociais não eram sequer cogitadas, direcionando sua análise ao cinema e à fotografia. Podemos, no entanto, utilizar suas considerações para avaliar o descontentamento dos precursores das redes sociais com a “invasão”.

Poder-se-ia dizer, de modo geral, que as técnicas de reprodução destacam o objeto reproduzido do domínio da tradição. Multiplicando-lhes os exemplares, elas substituem por um fenômeno de massa um evento que não se produziu senão uma vez (Benjamin, 2000, p.226)

Quando foi lançado, em 2004, o Orkut só aceitava usuários que tivessem recebido um convite de outro usuário, ou seja, era um clube fechado onde cada usuário era responsável por avaliar, segundo seus critérios, quem deveria fazer parte. Os critérios não variavam muito de usuário para usuário: convidava-se quem já era conhecido, o conhecido era aquele que falava a mesma “língua”: profissão, poder aquisitivo, gostos musicais, cinematográficos, literários e até mesmo de vestuário – o semelhante era o merecedor de convite.

Quando o Orkut abriu suas portas para qualquer um fazer sua inscrição, desde que contasse com um computador e uma conexão razoável, o mesmo passou a permitir o trânsito de pessoas cuja “bagagem” era diferente. Pouco a pouco, a rede social tornou-se “terra sem lei”, invadida e depreciada por usuários supostamente iletrados, de suposto baixo nível intelectual e refinamento cultural, ou seja, diferente dos pioneiros das redes sociais.

Em 27 de junho de 2011, a Folha de São Paulo publicou matéria onde um desses pioneiros explicava seu descontentamento com a “orkutização” (aqui já usada como sinônimo de empobrecimento cultural) de outras redes sociais mais recentes:

O músico Cassio Amorim, 32, tem uma comunidade contra a ‘orkutização do Facebook’. Ele fala de ‘uma rede social arruinada pela falta de etiqueta virtual dos brasileiros’. Algo que lembra a decadência do Orkut, diz, ‘com spam, erros crassos

de português e superexposição’. Também teve gritaria quando o Twitter ganhou versão em português. Houve quem comparasse os novos usuários do Twitter com a “gente diferenciada” que apavorou uma moradora de Higienópolis (USUÁRIO, 2011)

Na contramão, Lemos (2009) escreveu em artigo já citado aqui, que era justamente na diversidade considerada empobrecedora que residia o que havia de mais interessante no

Orkut:

O Orkut tornou-se um espelho do que é o país, com uma diversidade inacreditável. Ficou para trás a fase em que era um clube ocupado por pessoas bastante homogêneas, com os mesmos gostos e perfil demográfico. O Orkut de hoje é uma ferramenta fascinante para conhecer o Brasil. Onde mais na rede dá para ficar sabendo do movimento playsson ‘strondando’ nos bairros pobres do Brasil ou da pisadinha, ritmo derivado do forró que está alucinando muita gente? Olhei no Facebook e não havia nada. Já no Orkut há centenas de referências (e comunidades com milhares de pessoas). Parafraseando os irmãos Marx, prefiro a diversidade, conviver com clubes que não me aceitem como sócio. E por isso o Orkut nunca esteve tão legal. (LEMOS, 2009)

Sem dúvida não queremos aqui apontar o Orkut ou qualquer outra rede social como uma obra de arte, mas destacar que aos olhos daqueles que primeiro adentraram-no, havia um local de compartilhamento restrito, utilizado para troca de informações e exposição de interesses tidos como únicos. Cada um dos primeiros usuários desfrutava ali de mecanismos de compartilhamento de informação, pesquisa e interação social que não estavam presentes para a maioria das pessoas. Este mesmo local perdeu, aos olhos dos pioneiros e auto-declarados conhecedores da etiqueta virtual, sua “aura” quando o acesso foi difundido.

A expressão “orkutização” compreendida como um termo pejorativo, parece exprimir que os outrora orgulhosos descobridores e ocupantes do Orkut, hoje horrorizados e numa constante emigração para redes sociais supostamente menos avacalhadas, reproduzem a ideia expressa por Adorno e Horkheimer (1990):

Para todos, alguma coisa é prevista a fim de que nenhum possa escapar; as diferenças vêm cunhadas e difundidas artificialmente. O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidade em série serve somente à quantificação mais completa. Cada um deve se portar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível, determinado a priori por índices estatísticos e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para seu tipo. Reduzido a material estatístico, os consumidores são divididos, no mapa geográfico dos escritórios técnicos (que não se diferenciam praticamente mais dos de propaganda), em grupos de renda, em campos vermelhos, verdes e azuis. (Ibid., p. 159)

“O que essas pessoas estão fazendo aqui?”, parecem perguntar os incomodados que se

retiram da rede social pioneira no Brasil para outras onde possam estar entre iguais.

Podemos também trazer Sennett (1988) para a discussão, utilizando sua definição de incivilidade para compreender o ciclo de descobrimento, popularização e rejeição sofrido por uma rede social como o Orkut. Segundo ele o último século assistiu à ascensão da incivilidade, o oposto de civilidade, que é “a atividade que protege as pessoas umas das outras e ainda assim permite que elas tirem proveito da companhia umas das outras” (p.323).

A civilidade é o uso do que Sennett chama de máscaras, que permitem a convivência entre diferentes, a aceitação das diferenças e a possibilidade de harmonia. A incivilidade é descrita por ele como aquilo que leva as pessoas a valorizarem mais as motivações e expectativas que as ações uns dos outros. Um líder carismático, seja político ou religioso, comete a incivilidade ao imergir seus seguidores em uma cumplicidade com suas motivações e sentimentos, tornando impossível que seja julgado por seus atos (algo que Sennett parece valorizar mais que os sentimentos). Mas aqui pode-se aplicar com mais clareza outro exemplo de incivilidade: o uso incorreto ou o entendimento incorreto do sentimento de fraternidade, que o sociólogo chama de “a perversão da fraternidade na experiência comunal moderna” (Ibid. p. 325). É o estreitamento da comunidade, cada vez mais restrita, cada vez mais exclusiva e, portanto, mais repelente ao que vem de fora.

Forasteiros, desconhecidos, dessemelhantes, tornam-se criaturas a serem evitadas; os traços de personalidade compartilhados pela comunidade tornam-se cada vez mais exclusivos. O próprio ato de compartilhar se torna cada vez mais centralizado nas decisões sobre quem deve e quem não deve pertencer a ela (...) A fraternidade se tornou empatia para um grupo selecionado de pessoas, aliada à rejeição daqueles que não estão dentro do círculo local. Essa rejeição cria exigências por autonomia em relação ao mundo exterior, por ser deixado em paz por ele, mais do que exigências para que o próprio mundo se transforme (...) Pois este processo de fraternidade por exclusão dos ‘intrusos’ nunca acaba, uma vez que a imagem coletiva desse ‘nós mesmos’ nunca se solidifica. (Ibid., p. 325)

Uma rede social como o Orkut abriga essa dinâmica: sofre agora o declínio do interesse daqueles que usufruíram dele antes que fosse tomado por uma classe social e cultural vista como pobre e desprovida de etiqueta para uso da internet. O que antes era uma comunidade exclusiva, restrita, em que os membros falavam a mesma língua e compartilhavam os mesmos interesses (interesses esses de suposto e alegado maior calibre cultural e intelectual) é visto agora como uma terra invadida, ampla e irrestrita demais. A incivilidade descrita por Sennett manifesta-se de outra maneira: como não é possível expulsá-los, os fraternos saem em busca de outra área para serem exclusivos (como citamos acima, a rede social da vez é o Facebook).

A escola focalizada nesta pesquisa é, como já dissemos, caracterizada por atender alunos de bairros de nível econômico baixo e está fora do centro comercial e residencial de alto padrão da cidade. Notamos, em pesquisa dentro de outra rede social, o Facebook, que atualmente detém o maior número de usuários do país, que não há o mesmo espaço para discussões como há no Orkut. Encontramos no Facebook alguns membros da comunidade no Orkut dedicada à unidade escolar que chegam a listar a escola como instituição de ensino frequentada, mas não há um espaço para discussões e troca de experiências sobre a escola similar ao que há no Orkut.

O Orkut, embora tenha perdido sua liderança em número absoluto de usuários, parece atender ao público que frequenta a escola em questão e também garante com sua estrutura de comunidades o surgimento de discussões que, embora fragmentadas, estendem-se fornecendo dados para pesquisas como essa.

No próximo capítulo, falaremos sobre o que leva as pessoas a escreverem sobre si mesmas, seja em cadernos que ficam escondidos ou em blogs e redes sociais cuja possibilidade de acesso é irrestrita. Para isso trataremos do surgimento da internet e de sua influência sobre a exposição de si mesmo ao outro.

## **CAPÍTULO 2 Antes da internet e após a internet: (re) escrever-se**

### **2.1 A escrita do eu**

O interesse pela temática da escrita sobre o eu, ou escrita de si, é anterior ao advento da internet, bem como suas redes sociais, blogs e demais ferramentas de comunicação mediadas pelo computador.

A pergunta que se faz aqui é: por que escrever sobre o eu? O que leva um indivíduo a debruçar-se sobre o papel ou o teclado do computador e dedilhar ali considerações sobre a própria existência? Escrever é o ato de se colocar no papel (ou mais recentemente na tela do computador), com o intuito de ser lido. Ser lido por si mesmo e por outros. Ao ler o já escrito, tornamo-nos o outro, olhamos de fora o que conservamos dentro.

Como Calligaris (1998) aponta, escrever, colocar-se na escrita, é uma forma de reinvenção. O autor apropria-se de partes, fragmentos de sua vida. Escrever é editar a história de si mesmo, na tentativa de compreender-se e fazer-se compreender. As autobiografias não são exclusividade de nossa época: as pictografias nas paredes das cavernas revelam informações sobre aqueles que ali moravam, o cotidiano das caças, da busca por frutas e abrigo, da relação entre os membros do grupo antes da escrita propriamente dita existir. Tais informações revelam não apenas a história de um grupo, mas o que o indivíduo que a gravou ali enxergava como história – o individual edita o coletivo.

A escrita de si pode ser um texto corrido em um diário, separado por dias e meses, linear e cronológico ou fragmentos em uma rede social: uma foto, o preenchimento de campos sobre preferências, por exemplo. Essas informações compõem uma autobiografia, que Philippe Lejeune (2008) define como:

Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade. (Ibid., p.14)

Para o francês, quem escreve sobre si, ou seja, compõe uma autobiografia está pedindo para ser julgado e amado; o leitor, o outro, é aquele que se compromete a fazê-lo (Ibid., p.73).

Lejeune atém-se aos diários como objeto de análise. Por que alguém mantém um diário? Os diários atuais, sejam aqueles mantidos em blogs ou em caderninhos convencionais, não são

exclusividade de nossa época, ao contrário são derivados de um fenômeno social, como explica o autor:

Desde a Antiguidade, no Ocidente, assistimos a uma progressiva individualização do controle da vida e da gestão do tempo. É o que já se chamava antigamente de ‘foro íntimo’, bela expressão que designa a passagem de uma jurisdição externa e social (fórum) a um tribunal puramente interior e individual, o da consciência. O desenvolvimento atual do diário corresponde talvez a essa delegação de poder: cada indivíduo tem de administrar a si mesmo, com seu próprio setor de contenciosos e seus próprios arquivos. (Ibid., p.259)

Narrar-se é organizar a vida, na tentativa de torná-la compreensível, de atribuir-lhe uma espinha dorsal que a sustente enquanto realidade. Escrever é organizar, é desamarraçar pensamentos e sentimentos que, de outra forma, ficariam presos a um emaranhado interior; é esticar a linha do pensamento para fora si, na esperança de ver esta linha sem nós ou “desfiados” que comprometam sua inteligibilidade.

Escrever é reinventar-se na medida em que se passa para o papel o que está dentro de si; é uma forma de faxina ou mudança, como quando se muda de endereço. Os pertences acomodados em uma caixa, sacudidos, comprimidos e revirados são colocados fora dela em ordem (ou pelo menos há a tentativa de ordená-los) para ganhar sentido e praticidade, para estar à vista para si ou para os outros em representação.

Calligaris (1998) converge para constatação similar:

É uma verdade que concerne ao sujeito autobiógrafo em um passo sempre crucial: o passo que consiste em se dar (de uma só vez ou no dia-a-dia) significação e consistência. Essa verdade crucial não pode ser julgada no tribunal da verdade factual. Omissões, acréscimos, remanejamentos, são peças do puzzle do sujeito em um momento do seu fieri. Nesse sentido (um pouco diferente de suas intenções) vale a ideia de Lacan de que a verdade está em uma linha de ficção. Sob a condição de entender que ficcionalizar a própria vida é o jeito ocidental moderno de orientá-la e reorientá-la. (p. 53)

Transcrever os acontecimentos de um dia, diariamente, ou demarcar opiniões, gostos e preferências; regular a opinião alheia também é objetivo daquele que interage, podendo ser essa interação estendida à escrita:

Independente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. (GOFFMAN, 2005, p.13)

Escrever é desempenhar um papel, ou seja, solicitar que outros, os observadores, “levem a sério a impressão sustentada perante eles” (Ibid. p.25). Embora a escrita sobre o eu nem sempre possa ter como objetivo principal a exposição e leitura dos outros, ela cumpre a função de representação de si mesmo para si mesmo. Segundo Goffman, a representação é “a atividade de um indivíduo que se passa em um período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que têm sobre esses alguma influência” (Ibid., p.29).

O que nos chama a atenção no trabalho do autor canadense é a distinção que ele faz a respeito das representações e como essas análises são perfeitamente aplicáveis ao convívio entre membros de uma rede social da internet. Em outras palavras, Goffman distingue o ator que acredita no que representa (o sincero), aquele que não acredita, mas obtém prazer da própria encenação e aquele que não acredita, mas vê seu desempenho como necessário para o bem da comunidade (os dois últimos encaixam-se na categoria dos “cínicos”).

Indiquei dois extremos: um indivíduo pode estar convencido do seu ato ou ser cínico a respeito dele. Estes extremos são algo mais que simplesmente as extremidades de um contínuo. Cada um dá ao indivíduo uma posição que tem suas próprias garantias e defesas, e por isso haverá a tendência, para quem viajou próxima a um desses polos, de completar a viagem (Ibid., p.27).

Podemos levar para um perfil de rede social esta distinção. O funcionário de uma empresa que tem entre seus “amigos” de Orkut, Facebook ou Twitter, colegas de trabalho superiores na hierarquia profissional, por exemplo, pode adotar uma postura cínica jamais reclamando de problemas dentro da empresa, do salário, da rigidez do chefe, etc. Um aluno de determinada escola aceita a solicitação de amizade de sua professora e a partir de então deixa de comentar com os colegas o quão desagradáveis são as aulas e tarefas que ela ministra em sala. Uma mulher favorável ao aborto evita tecer comentários que possam ser visualizados por sua mãe, que também aderiu às redes sociais e é contrária à prática. Um adolescente que está flertando com uma colega de escola deixa de publicar comentários machistas para não desagradá-la a partir do momento em que se tornam amigos na rede. Enfim, são todos exemplos hipotéticos, mas plausíveis, de representação cínica, e Goffman afirma que uma representação cínica pode tornar-se sincera e vice-versa: um indivíduo que iniciar sua representação descrente, atuando para obter benesses ou para satisfazer outrem, pode terminar acreditando no que faz; assim como alguém que começa acreditando no que faz pode colocar essa transparência em segundo plano, ou transformando-a justamente para exercê-la, como exemplifica Goffman ao analisar as “carreiras de fé”:

Os estudantes de medicina dizem que os principiantes orientados num sentido idealista tipicamente deixam de lado suas sagradas aspirações por algum tempo. Durante os primeiros dois anos, os estudantes descobrem que o interesse pela medicina deve ser abandonado para que possam dedicar todo o tempo à tarefa de aprender como passar nos exames. Nos dois anos seguintes, estão demasiados ocupados em aprender a conhecer as doenças para mostrar muito interesse pelas pessoas que estão doentes. Só depois que o curso médico terminou é que seus primitivos ideais a respeito do trabalho médico podem ser reafirmados. (Ibid., p. 28)

Goffman discorreu sobre representações muito antes da expansão e popularização do uso da internet e das redes sociais, mas são ponderações que ainda mostram-se pertinentes: as redes sociais dão as condições necessárias para que a representação se manifeste plenamente, seja ela cínica ou sincera; sincera passando a cínica ou o inverso.

## 2.2 O sujeito como objetivo principal

Poder-se-ia mesmo afirmar que o caráter principal da Modernidade, pelo que ela se distingue radicalmente da Antiguidade, provém dessa passagem insensível da substancialidade à subjetividade ou, para dizer numa linguagem menos severa, da passagem da alma ao eu e, ao mesmo tempo, da passagem da exterioridade à interioridade. (MATTEÍ, 2002, p. 146)

Toda a discussão sobre a escrita do eu, a (re) construção do eu em diários, blogs, redes sociais etc. não faria sentido se o eu em questão não fosse o centro das atenções contemporâneas. Nem sempre o indivíduo considerou a si mesmo, seu interior, sua pessoa, o foco das atenções. Segundo Mattéi (2002) o retorno do Homem para si mesmo desenvolveu-se apenas a partir do fim da Antiguidade. Antes disso, ideias como “alma”, “consciência”, “homem interior” e “pessoa” não convergiam para dentro do mesmo indivíduo. Tais conceitos eram exteriores ao Homem, um ser considerado descentrado até então.

O conceito de pessoa como papel assumido em sociedade surgiu a partir do século IV, com Boécio: “Uma substância individual de natureza racional” (apud MATTEÍ, 2001). Tal definição viria a influenciar o conceito de pessoa na Idade Média e Renascimento.

O conceito de Homem foi cindido progressivamente, opondo o “ser substancial” e o “ser subjetivo” cada vez mais e criando entre eles um abismo.

Esse olhar subtraído ao mundo e voltado para si, num processo de interiorização radical, priva claramente o homem de toda substância (...) ao mesmo tempo que priva o mundo de toda a razão (...). Só restará ao homem romper a coincidência dos opostos para tornar-se um ser racional que enfrenta apenas

seu próprio olhar. Essa será precisamente a vacuidade do sujeito moderno: não é mais o subsistente que integra em si a ‘substância’ do mundo e a ‘pessoa’ de Deus, e sim o in-sistente, aquele que vai se “por” (sistere) “em” (in) si mesmo como uma forma abstrata e vazia. (Ibid., p.151)

O Homem perde, dessa forma, a capacidade de justificar sua existência e cai em uma sequência vazia de ações de causa e efeito que não têm significado além da própria necessidade de serem executados: “O sujeito contemporâneo já não pensa e já não age, ele funciona” (Ibid., p.154).

Mattéi analisa o vazio do sujeito como derivado da dissociação da grandiosidade do mundo que habita. Não podemos esquecer que, para outros pensadores, esse “vazio” também se dá pela incapacidade de se relacionar, de interagir com as instituições que outrora davam sentido, preenchiam as lacunas na vida das pessoas: religião, trabalho, família. Fazer parte dava sentido à vida; ser atuante na manutenção dessas instituições era atuar em benefício próprio. Com o esvaziamento das mesmas, a sensação de “estar à deriva”, sobre a qual falaremos adiante, agrava o vazio de que fala Mattéi, e conduz para outras pradarias do eu.

### **2.3 Escrever sobre o “eu” na internet**

O ato de escrever torna-se mais comum a medida em que a educação formal e o acesso ao ensino abrange um contingente maior de pessoas. Tendo aprendido a escrever e sendo estimulado a isso, o indivíduo ganhou a oportunidade de manter um caderno ou folhas soltas onde pudesse construir uma narrativa. O papel, o lápis, a caneta, a máquina de escrever são tecnologias cuja evolução e dispersão tornaram o ato de escrever algo que poderia ser feito por qualquer um, não apenas por algumas classes sociais e alguns cargos.

Quando o computador pessoal surgiu, em meados da década de 80, manter diários já era uma prática possível a qualquer interessado. A passagem desses diários feitos à mão ou datilografados para o computador pessoal parece uma evolução perfeitamente compreensível. Até aí, fechado com cadeados e escondido sob roupas na última gaveta ou digitado e salvo em uma pasta qualquer do computador da família, o diário era algo cujo feitio e leitura começava e terminava no próprio indivíduo (aqui deixamos de lado aqueles escritores que publicam suas memórias ou diários e atemo-nos ao indivíduo anônimo). Proteger o diário dos olhares alheios era quase uma obrigação, o temor de ter seu desabafo descoberto pelos pais, irmãos e filhos era tão

grande quanto o alívio de poder deixar ali devaneios e considerações sobre o cotidiano:

O diário é uma espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real. Ele contribui, modestamente, para a paz social e o equilíbrio individual. (LEJEUNE, 2008, p. 262)

Com a internet, a rede mundial de computadores, criou-se para esse indivíduo a possibilidade de divulgar o que antes era guardado a sete chaves. Mas por que alguém que antes mantinha um diário secreto passaria a exibi-lo em uma rede social ou um blog?

Lejeune aponta a “fantasia de ter um leitor desconhecido” (p. 327) como fator de grande relevância para que o escritor exponha a escrita. Uma mulher que escreve sobre seu dia-a-dia (marido e filhos, dificuldades financeiras, brigas com as crianças, solidão etc.) certamente não gostaria de ver essas mesmas pessoas lendo suas opiniões pouco lisonjeiras acerca do cotidiano. O constrangimento não seria evitado, no entanto, se as informações que ela disponibiliza fossem lidas por pessoas que não fazem parte de seu círculo familiar ou profissional? Quem lê suas lamúrias ou ironias acerca do cotidiano não a encara face a face, apenas pode escrever de volta, comentando, positiva ou negativamente, o que está ali. Sem conhecer a face, o endereço e as pessoas que ali estão retratadas, a influência da resposta recebida por esta hipotética escritora diz respeito apenas a ela. Caso prefira excluir tais comentários alheios sobre sua vida, o ato é possível com um clique.

Pelo próprio caráter imediatista da internet, a escrita do eu pode ser instantaneamente visualizada por um número maior e mais disperso de leitores. A presença do outro antes, durante e depois do ato da escrita para publicação em um blog na internet é muito mais forte. Judith Donath (apud RECUERO 2009) aponta que a comunicação face a face, impossível na relação mediada pela internet, vai ser substituída pela força das palavras escritas. Em um blog ou uma rede social a escrita não é apenas a palavra: é fotografia, vídeo, arte gráfica e links (endereços que permitem a conexão com outras páginas ou sites fora daquela que se visita).

A construção de uma imagem identitária na internet, assemelha-se ao diário escrito à mão ou máquina (ou mesmo computador, antes da internet), embora seja plural e fragmentada. Deve-se notar, no entanto, que a presença real e virtual cria diferentes performances: como veremos nos capítulos 3 e 4, a forma como um indivíduo expõe a si mesmo no virtual e no real variam devido às diferentes respostas que ele pode receber. Ao analisar conversas em chats na internet, focalizando especialmente os jovens, Garbin (2003), atenta para essa diferenciação:

No caso dos bate-papos virtuais, a particularidade do anonimato permite que jovens se inventem também nas suas descrições físicas. É comum, numa navegada num chat, nos depararmos com auto-descrições que parecem não corresponder ao interlocutor. Embora correspondam às características socialmente tidas como atraentes, adequadas e charmosas, na vida real, a aparência física, o modo de vestir, de falar, abrem a possibilidade, a priori, para o estabelecimento de vínculos (ou não) entre as pessoas, o que não é condição *sine qua non* na Rede. Não estou querendo afirmar, com isso, que as identidades sejam “mais completas” ou mais “efêmeras” na vida real, ao contrário, defendo a ideia de que as identidades são constituídas de modo diferenciado. Nos chats, como ilustra o excerto acima, elas são mais breves, e aparentemente mais fáceis de serem constituídas intencionalmente naquele momento, para aquele estado de espírito, circunstância específica e interlocutor [como é o caso de inventar um corpo e um cabelo narrado no momento]; na vida real, a constituição das identidades parece demandar mais “trabalho” de construção, mais tempo de elaboração e expressão (Ibid, p. 125)

A autora focou sua análise em chats, onde a conversa acontece de forma instantânea, ao contrário das redes sociais, onde um recado pode levar dias para ser respondido, dependendo do interesse do usuário da rede. Mesmo assim, suas observações são válidas para nosso estudos devido ao comprometimento do usuário de uma rede social com a construção de seu perfil, similar à construção que um participante de bate-papo faz durante uma conversa. A velocidade com que essa construção acontece varia de uma rede para um chat, mas o objetivo e o resultado parecem convergir para o mesmo lugar.

Como já apontamos, escrever sobre o eu pode proporcionar sentido e propósito ao que se vive, no entanto, o que se vive nem sempre é repleto de aventuras de grande interesse, mas apenas o cotidiano banal do trabalho, família e pequenos círculos de amizade. Daí a importância da internet para sobrepor-se à importância do diário de papel restrito à gaveta: ao expor elementos do dia-a-dia com desconhecidos, ampliando a gama de testemunhas de nossos pequenos horrores e delícias rotineiros, o indivíduo ganha aliados na tentativa de reinventar-se.

A reinvenção de si melhorando, acrescentando ou omitindo características faz parte de nossa época: época da identidade maleável, líquida, em constante movimento e mutação. É impossível ficar parado, sólido, terminado. A identidade do indivíduo atual é uma construção sem prazo para acabar, em que são acrescentadas, demolidas e remodeladas as paredes, as divisórias, o formato e tamanho dos cômodos.

Bauman (1997) e Lipovestky (2004) diferem ao nomear nossos tempos, mas concordam que o cenário é de flutuação: o indivíduo não reconhece e não é reconhecido pelas

instituições – elas mesmas irreconhecíveis na comparação com o que eram há algumas décadas – e nelas não se pode apoiar, firmar os pés e caminhar. Periclita, já que a condição de incerteza é irremediável, permanente e irredutível.

O indivíduo moderno ocidental tinha onde cravar estacas e erigir uma construção previamente determinada. O homem trabalhava na mesma empresa por 40, 50 anos, a casa onde iniciou a vida adulta com a esposa abrigava também os filhos e era obrigação dos pais – uma unidade com duas pessoas de sexo oposto apenas – dar condições para que as crianças crescessem e seguissem a mesma jornada com o caminho já mapeado, os percalços já previstos, as soluções já estabelecidas.

A identidade devia ser erigida sistematicamente, de degrau em degrau e de tijolo em tijolo, seguindo um esquema concluído antes de iniciado o trabalho (BAUMAN, 1997, p. 31).

O indivíduo não era maior nem mais importante que as obrigações e as determinações; as desavenças entre marido e esposa não rompiam o (con) trato; os filhos não descarrilhavam dos trilhos que já foram seguidos pelos pais. Um bom exemplo, que será aqui dado de passagem, como ilustração, é como a gravidez antes do casamento é tratada hoje pelas famílias e como era tratada antes, há duas, três gerações: a mácula sobre a jovem mãe era irreversível, seja qual fosse o destino dado à gestação. Suas chances de voltar aos trilhos eram esparsas. Não havia maleabilidade: a rigidez da identidade e dos papéis só podiam ser conservadas ou fraturadas, estilhaçadas – nunca amolecidas e remodeladas.

Pode-se enxergar aí o vínculo entre a vida do indivíduo e o projeto social na modernidade, há a co-dependência entre eles e, sobretudo, há a ideia da imortalidade das instituições.

A tendência de muitas linhas teóricas é classificar e separar os períodos históricos como segmentos independentes e excludentes. Por isso a pós-modernidade é apresentada como fruto de um rompimento absoluto com a modernidade. Não há, porém, uma data ou evento que marque o início dessa época, apenas características que se modificaram e ainda se modificam.

Longe de se decretar o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate, concretizando-se no liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida, na exploração da razão instrumental até a ‘morte’ desta, numa individualização galopante. Até então a modernidade funcionava enquadrada ou entravada por todo um conjunto de contrapesos, contra modelos e contra valores. O espírito de tradição perdurava em diversos grupos sociais: a divisão dos papéis sexuais permanecia estruturalmente desigual; a Igreja

conservava forte ascendência sobre as consciências; os partidos revolucionários prometiam outra sociedade, liberta do capitalismo e da luta de classes; o ideal de Nação legitimava o sacrifício supremo dos indivíduos; o Estado administrava numerosas atividades da vida econômica. Não estamos mais naquele mundo. (LIPOVETSKY, 2004, p.54)

Hoje deve-se construir e fortalecer a identidade, mas não é bem visto carregá-la única e imutável por toda a vida em um mundo marcado pela volatilidade, em que a consolidação do ser pode impedir a adaptação face a mutação instantânea das condições de vida.

A incerteza não é presente somente na individualidade, mas na construção da estrutura social “da futura configuração do mundo”. A incerteza torna as variáveis utilizadas para se estabelecer uma lógica do que está por vir quase inexistentes, volúveis demais: o mundo pós-moderno não possui uma lógica confiável e as previsões sobre novas configurações do mundo, feitas por sociólogos e filósofos, são contraditórias (BAUMAN, 1997).

O indivíduo tem que se atualizar constantemente para acompanhar as novidades que lhe são oferecidas. Escolher entre essas novidades tornou-se símbolo de independência e liberdade: o acúmulo de experiências é objetivo maior que a própria experiência.

Bauman (1997) afirma que se há uma semelhança entre as eras da permanência e da volatilidade. essa é a esperança: ainda há a necessidade do indivíduo em progredir e controlar, mas a uniformidade dos métodos para obtenção desse progresso e controle foi esgotada. Ele também aponta que a incerteza pode também suscitar não apenas angústia e pessimismo, mas despertar uma consciência para a atuação crítica.

Já Lipovetsky (2004) aponta a fragilidade do eu frente à necessidade de crescer, progredir, expandir, melhorar e, ao mesmo tempo, conviver com/em relações descartáveis e imediatistas:

A cultura hipermoderna se caracteriza pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas e pela autonomização correlativa dos atores sociais em face das imposições de grupo, sejam de família, sejam da religião, sejam dos partidos políticos, sejam das culturas de classe. Assim, o indivíduo se mostra cada vez mais aberto e cambiante, fluido e socialmente independente. Mas essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação triunfante de um indivíduo que é senhor de si mesmo. (Ibid., p. 83).

## **2.4 A pública vida privada**

A difusão do uso da internet acabou por acelerar a sedimentação de um fenômeno que

outros meios de comunicação já traziam: a privatização do espaço público e a publicização do espaço privado. Manter uma escrita regular sobre o eu continua sendo a criação de uma autoficção narcisística, uma reconstrução identitária, uma expressão da individualidade – nesse ponto o blog e o caderno-diário não diferem – mas a divulgação sem fronteiras do primeiro, enquanto o segundo passava quase sempre apenas da escrivaninha à gaveta, acaba por diferenciá-los enormemente.

Pode, à primeira vista, parecer contraditório que em tempos de incertezas e impossibilidade de fixar-se em algo ou alguém, haja tanta exposição e fale-se tanto sobre o “eu”. Nos meios de comunicação, nas redes sociais, nos bate-papo, o assunto principal é essa identidade inacabada, sempre uma página “em construção”. Mas é justamente a incapacidade de firmar-se e ganhar tempo para familiarizar-se com o outro que garante a exposição do que seria o íntimo, a vida privada, de dentro da casa – aqui entendendo como o interior do indivíduo. Bauman (1998) acredita que o contato com outros indivíduos baseava-se até então em compromisso, fidelidade e longevidade – características que poderiam ser aplicadas às relações profissionais ou pessoais. Porém, a ideia de relação – interdependência, afinidades, convivência – já não pode ser aplicada ao cidadão pós-moderno. A liquidez da sociedade transformou as relações em conexões – imediatistas, volúveis e supérfluas – e garante ao sujeito a possibilidade de mover-se tão rápido quanto for necessário para manter-se atualizado, sem que haja empecilhos. Não é mais possível e permitido ter compromissos longos, fixar-se e “jurar coerência e lealdade a nada ou a ninguém” (BAUMAN, 1998, p.113).

As ligações estabelecidas não duram muito tempo e são desfeitas e refeitas de acordo com as necessidades que surgem e desaparecem sem aviso. Para Bauman (Ibid.), homens e mulheres perdidos e abandonados buscam uns aos outros para não se sentirem desconectados, mas não se mantêm próximos o suficiente de modo a estabelecer obrigações e encargos. Expõe-se em busca de alívio da carga diária de incertezas e quando não mais convém, desconectam-se e deixam para trás uma tela escura.

Essa é uma análise do que poderiam ser as motivações de um indivíduo ao adentrar uma rede social para construir um perfil e exibir-se (mesmo que escondendo-se) para outros na mesma condição. E o exibir-se não é apenas o que está no perfil individual, não é apenas o que está descrito nos campos dados pela rede social para que o usuário preencha; exibe-se também aquele que participa de discussões sobre variados assuntos, pois seu interesse, negativo, positivo, entusiasmado, debochado, enfim, a manifestação sobre algo também é parte da construção e narrativa do eu.

É essa relação que abordaremos nos próximos capítulos, ao buscarmos dentro da comunidade sobre a unidade escolar no Orkut comentários sobre a escola e os estudos feitos por usuários da rede, bem como o perfil e o que falam sobre eles mesmos.

### **Capítulo 3 As marcas da escola**

Neste capítulo atentaremos ao objetivo de apresentar as falas e analisar o que os usuários que fazem parte da comunidade dedicada a essa escola falam dela, examinando o significado que os membros da comunidade atribuem à própria escola e aos estudos.

Nessa comunidade, como apontamos anteriormente, há a participação de alunos, ex- alunos, professores, ex-professores e pessoas com outro tipo de relação com a escola. A cacofonia daí resultante é típica do Orkut: há falas diversas, questionamentos, propostas e depoimentos sobre a escola em questão. Como veremos mais a frente, há diversos tons nas falas dos que participam, desde aqueles que se propõem a relembrar fatos demonstrando carinho até aqueles que debocham das condições de ontem e hoje encontrada na escola.

Abordaremos as marcas da escola na memória dos que escrevem, já que 17 dos 18 usuários são ex-alunos, ou seja, manifestaram-se no tópico escolhido a partir de lembranças do período que passaram na escola. Então as marcas aqui são os sinais deixados neles pela escola e na escola por eles.

Desde o início da leitura dentro da comunidade, os recortes feitos, tão necessários para organizar a fragmentação de falas nos tópicos sobre a escola, nos levaram a encontrar recorrências, falas que volta e meia retornavam ao mesmo campo de discussão. Ao adentrarmos o tópico “Que parte da Escola de Ensino Médio te marcou mais?” selecionamos quatro campos em que os membros permaneceram: a nostalgia pela escola de outros tempos, as atividades escolares, desafiando as regras e fora da sala.

#### **3.1 – A nostalgia pela escola de outros tempos**

Neste item nossa análise também incluiu falas que não estão no tópico que será o foco da análise, mas que chamam a atenção pela nostalgia de muitos membros, mesmo aqueles que debocham, pelo que a escola supostamente era e deixou de ser. Como exemplo, vejamos este tópico de discussão postado em 15 de novembro de 2006, intitulado “Minha primeira escola”, um membro que se identifica como professor da rede pública descreve o início de sua carreira na escola e saúda o então diretor da mesma:

Se cada escola deste imenso Brasil tivesse um SILVA na direção, certamente, a situação não estaria tão ruim. Hoje, nem moro mais em RC mas, quando ainda estava aí, antes de me mudar, lamentavelmente, [a escola] que eu conheci e

vivi já estava completamente desfigurado pela violência, desrespeito e sucateamento total de suas instalações, muito negativamente marcado até mesmo por caso de homicídio dentro de suas dependências. Dói muito escrever tudo isso (sic )

Seu comentário é respondido pelo diretor citado, cuja explanação resume a nostalgia daqueles que viveram em uma época com regras claras e papéis definidos dentro da escola:

Foi nessa época que a educação nas escolas públicas estavam no seu apogeu, tínhamos professores de grande nível, sua passagem pela Escola foi de dignidade e dedicação, lembro-me muito bem de seu trabalho, voce foi um dos que escreveram a história da Grande [escola] em Rio Claro (sic )

Logo abaixo, uma professora, de outra geração, também resume sua atuação na escola, adotando uma postura apaziguadora sobre as mudanças que os dois membros anteriores lamentam terem ocorrido na escola em questão. Ela direciona críticas à imprensa local, que seria a causadora da má fama da escola analisada e conclui que os episódios de violência, depredação e desrespeito citados pelos anteriores aconteciam em praticamente todas as instituições de ensino, esporadicamente.

O caso de homicídio que ocorreu na escola foi um caso à parte que não deve ser lembrado para manchar a memória da escola. Foi um crime passional que infelizmente aconteceu lá, mas poderia ter sido em outro lugar(...). A imprensa nos pegou para cristo e divulgava casos que sempre aconteciam em diferentes escolas, mas qd era aqui, virava manchete. Mas ninguém divulgava as feiras de arte(...), as viagens pedagógicas dos alunos, a casa de embalagem de leite de caixinha que os alunos de um professor de matemática fizeram, os projetos de parceria com a UNESP e o desempenho da escola, que apesar os problemas, tinha notas melhores que o famoso (...) em desempenho. E também da união dos professores que sempre foram lutadores por um ensino de qualidade! Minha melhores lembranças, como professora, são da [escola]!!!! (sic)

Embora seja um tópico com apenas esses comentários, é ilustrada aqui a temática presente em quase todos os tópicos: reafirmar, com narração de acontecimentos e opiniões, que a escola é um local de aprendizado não apenas prático, mas sentimental. E também que é um local sob constante "ataque", seja no aspecto físico (aqueles que depredam e picham o prédio onde a escola funciona) ou emocional (aqueles que desrespeitam a escola deturpando informações sobre fatos ocorridos lá, como a imprensa citada pela professora no último comentário).

Um dos tópicos que nos chamaram a atenção foi aberto por um ex-aluno, em 8 de janeiro de 2008, e intitula-se "O que se pode fazer?". Apesar da mudança de palavra chave, o que encontramos são as mesmas discussões sobre o que a escola era e o que se tornou. Para este ex-aluno, a informação sobre o atual estado de decadência de sua antiga escola também surgiu pela

imprensa.

Vi, hoje, uma matéria no jornal da TV, que mostrava a Escola 3 literalmente caindo aos pedaços. Não sei vocês, mas no meu caso, tive momentos importantes da minha vida e da minha formação como cidadão nesta escola. O que poderíamos fazer por ela? (sic)

A pergunta dele é respondida e complementada por uma professora que à época da postagem, lecionava na escola em questão. Ela afirma que uma das ações a serem tomadas é “defender nossa escola quando pessoas que nada sabem de tudo o que aconteceu lá dentro julgam a sua maneira e revelia”. Novamente, a ideia de defender a escola como se esta fosse um ser vivo sob ataque surge. Ela continua, aprofundando a noção de que um dos problemas principais vividos pela escola é a difamação feita por pessoas de fora:

Este ano (2008) quase que perdemos muitas outras salas de aulas devido a outros Diretores de escolas próximas reunirem com os pais de seus alunos que se formaram nas oitavas séries e dizerem que nesta escola todos os professores são ruins, que a escola só é frequentada por bandidos e que a Diretora não é boa! Ora, seu eu pudesse filmar e tivesse provas com certeza processaria certos diretores de escolas vizinhas que continuam a denigrir a imagem de nossa escola” (sic)

Tanto o ex-aluno e a professora concordam que, além de divulgar que a escola não é reduto de “bandidos” e maus professores, é preciso melhorar a estrutura física. São sugeridos mutirões para pintura e limpeza do prédio, mas o tópico se encerra com as propostas feitas, sem os resultados detalhados. A falta de conclusão nas discussões iniciadas é frequente. A maioria das discussões, onde buscamos as palavras-chave mencionadas no início do trabalho (educação, ensino, estudo, aula, escola) começam com uma apresentação do membro, que se identifica como parte da escola e ressalta o papel que a mesma teve em sua formação como indivíduo. Então opina sobre o atual estado daquele local, ou pergunta sobre outros colegas de sua geração. Quando o foco é questionar como o local se encontra, parece haver a tendência a considerar o passado mais prazeroso que o presente e uma preocupação com o futuro da escola, para que esta volte ao passado de glórias, respeito mútuo e grandes ensinamentos.

Na leitura geral feita dentro desta comunidade, há a indignação de membros com a situação atual da escola que é descrita como um lugar que sofre ataques e maus tratos de diversos setores. A escola em si é tida como vítima do desrespeito que em outros tempos, não existia. A fala dos que lá trabalharam, estudaram e lecionaram aponta a escola como um gigante ferido, uma instituição

maltratada pelos novos tempos, onde sua importância sofre desvalorização e descrença. As propostas de melhoria feitas dentro da rede social e o apontamento de culpados por essas agressões são permeadas por uma nostalgia amarga em que percebemos que a escola, não apenas essa em especial, mas a ideia de escola é a de um local imaculado, onde o saber mantém-se intacto aguardando a chegada daqueles que o procuram e que devem ser gratos por recebê-lo. A escola, que está em seu lugar há muito tempo, passou a ser agredida por aqueles que não entendem sua importância e não se questiona, pelo menos nas discussões flagradas dentro da comunidade em questão, as mudanças nas relações sociais que deveriam ser acompanhadas pela escola, que afinal, não está isolada da comunidade (do bairro, da cidade) onde se localiza.

### 3.2. As atividades escolares

Quando olhamos as falas dos 18 membros do tópico “Qual parte da Escola te marcou mais?”, podemos perceber que nenhuma das respostas obtidas faz referência à aulas específicas, apenas três referem-se às atividades curriculares e, nesse caso, atividades que embora ministradas por professores, envolviam estar fora da sala de aula. Um ex-aluno cita os jogos esportivos contra outra escola da cidade na quadra

a parte que mais me marcou foi a quadra coberta qd a gente disputava jogos com outros colégios... como a Escola Y.. hauahauahu. sózueira.. que saudades (Usuário 8, Resposta datada de 18 de jun. de 2005)

a quadra coberta (Usuário 14, Resposta datada de 18/12/2008)

Outra ex-aluna cita a pintura do muro como atividade da aula de educação artística

pintar o muro... minha turma pintou a parede ao lado direito da entrada dos aluno, na rua X. É uma arara... alguém mais pintou o muro, ou a parede? (Usuária 10, Resposta datada de 27 de jul. de 2005)

Por fim uma aluna cita as palavras de um professor de educação artística sobre um possível monstro ao final do corredor que levava ao bebedouro da escola.

Minotauro. Eu me lembro que o professor de Ed. Artística (que esqueci o nome, um loiro, Sr. já) dizia pra gente não se perder no labirinto e se encontrar com o Minotauro, qdo a gente pedia pra tomar água. Mas com certeza, aquele corredor, não tem igual em escola alguma. (Usuária 9, Resposta datada de 27 de jul. de 2005)

As lembranças a que os alunos fazem referência estão majoritariamente ligadas ao tempo livre, à diversão, ao ócio e à liberdade de conversar e escolher o assunto sobre o que se conversava. É neste sentido que a quadra de esportes da escola aparece citada por vários deles, pois as aulas ao ar livre, com atividades físicas, promovem uma sensação de maior liberdade sem a delimitação por regras mas rígidas da sala de aula que, além disso, é um espaço restrito e restritivo.

Os comentários sobre a escola, visualizados antes dos perfis, demonstram um claro apego dos ex-alunos e alunos da escola aos espaços físicos e temporais que permitiam a reunião com colegas, onde o cronograma de aulas, tarefas e obrigações não ditavam o ritmo da convivência.

A Escola como um todo foi muito marcante, era imensa!,mas a quadra foi o lugar mais legal!!! (Usuária 17, Resposta datada de 10 de abril de 2010)

eh eu curtu mais a arquibancada atrais da quadra coberta a arquibancada d volei q tem lapqlapavora fio muito goro e muitas garotas eh e como axo q so o unico q ainda estuda laneh eh issu ai (Usuário 4, Resposta datada de 08 de ago. de 2005)

O único relato sobre atividades escolares que destoa dos demais é do usuário 18, que agradece à administração da escola em questão pela oportunidade de obter um intercâmbio nos Estados Unidos graças ao um programa dentro da escola. Seu “fora da sala” neste caso é literal: sentindo-se valorizado e vitorioso por conseguir deslocar-se para longe, dentro da ideia de que os Estados Unidos representam o que há de melhor em termos de ensino e cultura.

estudando nos EUA. Gracias a parceria da Escola 3 com a ong (nome omitido) estou neste momento estudando nos EUA atraves da instituicao de Intercambio Intercultural AFS. Me lembro de ter ouvido muitas coisas,todas elas ruins, antes de começar meu primeiro ano la, infelizmente uma grande parte era verdade, porem foi nesta escola que tive uma das maiores oportunidades da minha vida, pois foi ali que fui selecionado para estudar um ano num pais estrangeiro. Tenho certeza que nao teria esta oportunidade em nenhuma outra escola em Rio Claro incluindo as escolas particulares. Fico triste ao olhar e ver que mais de 70% do predio esta destruido, poremagradeco a Deus pela existencia de pessoas que nao assistem de bracos cruzados o que um dia foi uma das melhores escolas de Rio Claro desmoronar porem lutam para reconstruir nao apenas a escola mais tambem a sua moral (Usuário 18, Resposta datada de 26 de fev. de 2010)

Mas essa fala aparentemente destoante apresenta o mesmo aspecto que tornou marcante para os colegas a experiência escolar: o estar fora da sala de aula. Neste caso, fora da sala, da escola, do bairro, da cidade, do país, da zona de conforto do idioma. Então o tempo todo podemos encontrar as marcas da escola fora da sala de aula.

Há uma frequente contradição, ao lembrar com carinho de episódios da vida escola que são justamente aqueles em que se fugia das atividades escolares. Não à toa, matar aula se constitui em

ponto recorrente, como apontaremos e indicaremos melhor abaixo.

### 3.3. Fora da sala de aula

Das 18 respostas coletadas, a maioria faz referência à atividades que aconteceram pontualmente ou rotineiramente fora da sala de aula, durante o intervalo, quando um professor faltava ou quando “matavam” aula. O local mais marcante segundo as respostas, é o muro da escola em questão, transposto inúmeras vezes pelos alunos e alunas, sozinhos ou em grupos para alcançar a rua.

Com certeza o MURO !!! Era tão bom (e fácil) pular o muro e ir no Micro Preço ou no Centro Cultural, e também pra ir embora mais cedo (Usuária 1).

hahahahaha....o corredor msm...kkkkkkkkkkkkkkkk...ia pra lá e pra cá....e o muro tbm....invez de esrtudá a gente ficava sentadus lá....e pulava tbmmkkkkkkkkkkkkkkkkkk (Usuária 7, Resposta datada de 17 de abril de 2010)

Se tomarmos apenas as respostas focalizadas aqui como referência, “matar aula” é a atividade mais procurada e concluída pelos alunos. Embora alguns se refiram com orgulho ao fato de conseguir “fugir” das aulas, o foco está no que se fazia quando se concluía a fuga: juntar-se a outros colegas para conversar e passear.

FOI O MURO!!!!!! CASEI DE PULAR O MURO DELA! (Usuário 13, Resposta datada de 23 de abril de 2006)

Alguns retornavam para outras aulas, outros iam para casa, ou passavam o tempo que seria dedicado às aulas passeando com colegas. O muro era o último obstáculo entre as aulas de todo o dia e a possibilidade de fugir dessa rotina. Dois outros ex-alunos mencionam o mesmo muro, mas citam a pintura feita por alunos, com o acompanhamento de professores.

Umas das ex-alunas comenta que costumava matar aulas para ficar na porta da escola, ou nas proximidades do prédio escolar, conversando com outros colegas, sem receio de que pudesse ser flagrada por estar tão perto.

Nessas falas, o matar aula é o que proporciona boas lembranças e parece ser o mais marcante na vida escolar.

A Escada do Teatro!!! Eu adorava ficar lá batendo papo.....Adorava tbm ficar sem aula sentada na frente da escola....Bons tempos que não voltam +, ao invés de ir embora sentavá-mos na frente da escola (rsrsrsrsrs) e as vezes matavamos aula pra fazer isso (vai entender) rsrsrsrsrs....q saudades q tenho!! (Usuária 2, Resposta datada de 23 de maio de 2009)

A ESCADA COM CERTEZA INESQUECIVEL QDO NOS REUNIAMOS NA ESCADA EM FRENTE AO TEATRO, A TURMA DE CONTABILIDADE E EDIFICACOES DE 99 QUANTAS MUSICAS NO VIOLAO TOCAMOS QUANTAS FOTOS TIRAMOS SEM CONTAR OS LITROS DE VINHOS Q TOMAMOS (Usuária 5, Resposta datada de 14 de março de 2006)

As falas acima podem ser sintetizadas por uma participante do tópico que descreve uma atividade escolar promovida durante as aulas de educação artística (a pintura do muro externo da escola) e completa com outras atividades, essas extra-classe e extra-curriculares:

Me marcounto...

1º o muro que pintei em grupo “Duende com a sabedoria da leitura” logo na entrada do penúltimo portão com a Prof. Ed. Astística, 2º o pé de limão próximo a cantina, nas aluas vagas ficávamos chpando limão ou tocando pagode no refeitório, 3º aquela quadra interna, onde torcíamos mto nas gincanas rsrsrse 4º por ultimo, o banheiro feminino da quadra, onde nós amigas tomávamos banho após as aulas de Ed. Fisica e cantávamos mto....rsrsrs (Usuária 16, Resposta datada de 2 de março de 2010)

### 3.4. – Desafiando as regras

Matar aula, como visto acima, é uma das práticas comuns relatadas, mas não a única: os usuários que responderam ao tópico relatam outras transgressões, algumas envolvendo atividades ilícitas, mas sempre relatadas com humor e em tom de nostalgia; fazem parte das boas lembranças. Entre os 18 membros, alguns citam o consumo de bebidas alcoólicas, cigarros tanto de tabaco como de maconha durante as “escapadas”. O usuário 3, por exemplo, relata que aprendeu a fumar na escola; a usuária 5 refere-se a “litros de vinho” divididos entre ela e outros colegas e o usuário 6 chega a mencionar “baseados”, que entendemos como cigarros feitos de maconha.

foila que eu aprendi a fumar! amava as rodinhas, era cheio de gueto! Hehehehehehe (Usuário 3, Resposta datada de 19 de jun. de 2005)

nossa foi um catinhola no fundo onde eu ficava com aminha namorada ate que diretor pego agente la mas nem deu nada (Usuário 11, Resposta datada de 17 de out. de 2005)

A ideia de que transgressões são aprendidas no espaço escolar é constantemente evocada, como diz este usuário

Brother a sala no final do corredor SUPERIOR. Era o Cassino do 3-10... De lá saíram altos jogadores! (Usuário 15, Resposta datada de 28 de fev. de 2010)

Consumir cigarros, álcool e namorar são atividades proibidas dentro do ambiente escolar e os dois primeiros são proibidos por lei para menores de 18 anos. Abaixo vemos que essas restrições são acompanhadas de outras atividades que são proibidas em qualquer faixa etária:

só putaria. oq me marcou mais foi os basiados que fumei e os corrimãos que fis com o sk8 e os grafites q fis que ainda existe no muro (Usuário 6, Resposta datada de 17 de março de 2006)

As transgressões estão profundamente associadas à ideia de grupo: nenhum deles bebeu ou fumou sozinho, mas sempre em companhia dos colegas, fora da sala de aula, onde a supervisão de um professor ou funcionário era menor.

São ex-alunos que se referem aos acontecimentos no passado, já distantes da possibilidade de enfrentar alguma punição por isso. A citação ao consumo de drogas lícitas e ilícitas insere-se na celebração da possibilidade de escapar das regras de conduta dentro da escola, não sendo uma atitude isolada, mas parte do cotidiano desses ex-alunos na época. As transgressões aqui descritas ganham força quando realizadas dentro de uma instituição onde as regras de conduta são bastante claras. Se os ex-alunos estivessem descrevendo passeios e consumo de bebidas alcoólicas fora dos muros da escola, o interesse pelas atividades seria diminuído, tanto na realização delas quanto na posterior descrição das mesmas.

Nos relatos feitos por esses ex-alunos, a atração pelas transgressões dentro do perímetro escolar não parece ter levado à consequências graves, deixando uma dúvida; como a escola lidava com essas transgressões, já que em momento algum as falas vistas aqui relatam punições mais severas. Mesmo quando a polícia é acionada para punir ou conter uma infração mais grave, isso não parece ter levado a consequências graves:

Caixa d'água. A melhor coisa era a caixa d'água qtas vezes eu e meus amigos subimos em lá em cima... teve até uma vez q foi tirar eu de lá foi a PM.. qdo desci dei um baile neles e consegui fugir... bons tempos aqueles.. estudei lá de 95 até 99. (Usuário 12, Resposta datada de 16 de abril de 2006)

Mesmo quando o usuário 12 relata ter sido retirado de cima da caixa d'água da instituição por policiais militares, o tom é de brincadeira.

Também não há relatos de brigas e episódios de violência, apesar de situações de grande violência serem citadas aqui ou quando há menção a um assassinato que teria ocorrido dentro da escola.

As atividades que fogem às regras escolares, descritas pelos membros da comunidade dentro do tópico escolhido aqui parecem se aproximar das definições de três campos distintos:

Os pesquisadores franceses desenvolveram muito nestes últimos anos uma distinção particularmente útil do ponto de visto prático e teórico: eles distinguem a violência da transgressão e da incivilidade. O termo violência deve ser reservado, pensam eles, ao que atacam a lei, com o uso da força ou ameaça usá-la. Lesões, extorsão, tráfico de drogas ou insultos graves. A transgressão é o comportamento contrário às regras do estabelecimento: (mas não ilegal do ponto de vista da lei): absenteísmo, não realização de trabalhos escolares, falta de respeito. Enfim, a incivilidade não contradiz nem a lei, nem o regimento interno do estabelecimento, mas as regras da boa convivência: desordens, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataque cotidiano e com frequência repetido – ao direito de cada um (professor, funcionários, aluno) ver respeitada sua pessoa (CHARLOT, 2002, p. 437).

No caso específico dos relatos feitos pelos 18 que responderam ao tópico, há uma quase violência quando se pensa no uso de drogas dentro da escola, mas da forma como foi relatado não foi feito nenhum ataque ou agressão a um indivíduo junto ao uso; há também incivilidade no caso do ex-aluno que foi retirado pela polícia militar de cima da caixa d'água, embora o episódio não seja relatado com detalhes, podemos imaginar que a ação de retirar o aluno desagradou aqueles responsáveis pela manutenção da ordem e das regras dentro da escola.

Embora seus depoimentos possam relevar aspectos negativos do ocorrido, a definição de transgressão parece ser a melhor aplicada aqui, no caso dos 18 usuários que se manifestaram no tópico.

Sem relatos de punição para as transgressões lícitas ou ilícitas, os relatos podem passar por simples brincadeira, comentários que se fazem em roda de amigos após anos longe da escola. Ganham o mesmo peso dos relatos de atividades que poderíamos considerar ingênuas, como a pintura do muro ou o “monstro” do corredor citado pela aluna, a partir de uma referência do professor ao “minotauro”. Transgressão ou não, o que fica é a lembrança positiva.

### 3.5. O retrato de uma escola revelado nas falas

Independente dos riscos envolvidos nas atividades citadas pelos ex-alunos e alunos dentro dessa comunidade, a leitura demonstra que o tom comum a todos eles é de saudades de uma época positiva em suas vidas. A escola aparece não como um local de aprendizado formal, mas informal: dá-se a entender que o bom relacionamento com os colegas e professores cria memórias mais vívidas que as fórmulas e datas aprendidas em sala de aula. Uma das ex-alunas, por exemplo, cita o labirinto do Minotauro, apelido dado por um professor a um determinado trecho da escola e cuja referência permanece com ela até hoje. É uma referência cultural feita em momento informal, sem a obrigação de ser reproduzida depois em provas e lições de casa, que ficou na memória dela, como relata:

Minotauro. Eu me lembro que o professor de Ed. Artística (que esqueci o nome, um loiro, Sr. já) dizia pra gente não se perder no labirinto e se encontrar com o Minotauro, qdo a gente pedia pra tomar água. Mas com certeza, aquele corredor, não tem igual em escola alguma. (Usuária 9, Resposta datada de 19 de abril de 2006)

Como já apontamos, o usuário 18 chamou a atenção por descrever sua experiência com intercâmbio e demonstrar-se grato à escola por ter proporcionado essa oportunidade, dando a entender que não a conseguiria de outra maneira. Ele é o único que faz ressalvas ao cotidiano daquela instituição, lembrando que foi avisado sobre as supostas más condições existente ali para os alunos, os professores e a comunidade envolvida. É também um dos poucos que não faz referência a atividades fora da sala de aula com outros colegas e que sejam de caráter transgressor.

Aqueles que relatam transgressões também parecem nutrir carinho pela escola e pelo tempo que passaram lá. Terem desrespeitado as regras e as pessoas que representavam regras (como no caso do usuário que relata ter escalado a caixa d'água e perseguido por policiais) não parece ser encarado como uma ação negativa, já que muitos completam suas descrições do que faziam com expressões de admiração pelo tempo que passaram na instituição.

É interessante notar que alguns dos “transgressores” tornaram-se professores, ou seja, passaram para o outro lado da relação e hoje provavelmente lidam com alunos que também podem querer sua cota de “desafios” dentro dos muros da instituição.

Essa contradição presente em todos os depoimentos aqui flagrados, aparece também na construção dos perfis desses usuários da rede social, que, claro, têm perfis onde falam sobre si

mesmos, mesmo quando escondem informações, restringindo o acesso de outros usuários. É o que veremos no capítulo a seguir, onde veremos a narrativa construída nas falas e nos próprios perfis dos membros aqui focalizados.

## **Capítulo 4 Quem aparece nas falas da comunidade**

O capítulo a seguir é voltado para a caracterização daqueles que falam sobre a escola na comunidade dedicada à unidade escolar escolhida, dentro da rede social Orkut. Buscamos com essa análise, investigar a narrativa construída por esses membros sobre si mesmos.

Essa busca surgiu pela inquietação que fez presente no trabalho: como se apresentam os usuários que relatam as transgressões maiores e menores do tópico? Quem são eles dentro da rede social?

Analisaremos os perfis apresentados no Orkut pelos 18 membros que participaram do tópico “Qual parte da escola te marcou mais?”, reforçando que esse perfil é uma construção que pode ser modificada quantas vezes o usuário quiser, editando os campos de preenchimento do perfil oferecidos pela rede social.

Após a seleção das 18 respostas, visitamos os perfis de cada um, reunindo informações que estavam disponíveis para a visualização da pesquisadora. Redes sociais como o Orkut oferecem a seus usuários a possibilidade de restringir informações: o usuário preenche os campos que desejar e mesmo que preencha todos, pode configurar seu perfil para que apenas os amigos que façam parte de sua lista vejam tais informações. Como a pesquisadora não estava em listas de amigos dos usuários aqui focalizados, apenas o que era de conteúdo público pode ser visualizado durante a pesquisa, ou seja, o que era aberto a qualquer outra pessoa que não fosse “amiga” do usuário dentro da rede social.

A possibilidade de restringir certas informações serve a diversos propósitos, desde a usuários que frequentam a rede social apenas para manter contato com pessoas que já conhecem, até aqueles que por desconfiança ou medo, preferem manter seus dados escondidos. Tanto pode-se preencher todos os campos, e quando um amigo for adicionado, ele terá bastante informação disponível, quanto pode-se deixar os campos em branco, então tanto aqueles que são amigos quanto aqueles que não são têm a mesma carga de informação sobre o usuário.

### **4.1. Visitando e analisando os perfis**

#### **Usuária 1**

O perfil da usuária 1, ex-aluna da escola em questão, disponibiliza pouca informação para aqueles que não fazem parte de seus amigos na rede social. É um perfil quase fechado. É possível

verificar que ela possui 68 amigos na rede e está ligada a quatro comunidades atualmente: “Deus”, “Amo muito a Beatriz”, “Amo muito o Victor” e “Colégio [nome suprimido]”. Na foto de apresentação do perfil, a usuária 1 aparece acompanhada de um homem. Ambos estão sorrindo mas não se pode afirmar qual é o parentesco (ou mesmo se há um) entre eles. O Orkut disponibiliza um campo para que seus usuários exibam frases ou comentários, acima de todo o perfil. A usuária 1 escreveu “O tempo perdido não se encontra nunca mais”.

#### Usuária 2

A dona deste perfil disponibiliza uma descrição emotiva e positiva de sua profissão. É professora com formação superior e finaliza o longo texto que exalta a profissão com a frase: “Ser professor é um privilégio... Ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita... Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos...É lapidar diamantes! :)”.

É interessante notar que sua resposta na comunidade da Escola, onde estudou, dê a entender que as atividades mais marcantes de seu tempo como aluna tenham sido vivenciadas ao “matar aula”, uma vez que a usuária disponha em seu perfil o texto em que se declara apaixonada pela profissão de professora, figura que era deixada de lado durante seu período como aluna. Ela afirma, na frase destacada acima, que ser professor é uma atividade que envolve encanto, lapidação e condução dos alunos, embora no período em que estava “do outro lado”, tenha dado como destaque o que fazia quando conseguia escapar dos professores.

Com 2222 fotos disponíveis em seu perfil, a usuária da rede social bloqueou a maioria delas, deixando apenas algumas para serem visualizadas por pessoas que não fazem parte de sua rede de amigos na rede social. As fotos são de atividades em grupo, acompanhadas de descrição igualmente emotiva e apaixonada, pelos amigos ali retratados. O seu perfil, no geral bastante alegre e otimista, é totalmente dedicado à profissão, mas uma frase chama a atenção: “LUTO. Tristeza Imensa!!!”. Como não estamos na lista de amigos, não é possível acessar os recados para verificar a que a usuária se refere.

#### Usuário 3

A resposta destinada aos membros no fórum citado acima chama atenção e o perfil acabou rendendo uma análise mais profunda, devido a quantidade de informações já na apresentação. Ao

pesquisarmos o perfil deste membro, as informações utilizadas para responder ao campo “Quem sou eu” são vastas e contraditórias, iniciadas com o aviso “SÓ ADICIONO QUEM CONHEÇO OU ME DEIXA SCRAP!”. Aceitar novos amigos no seu próprio perfil é feita mediante uma solicitação expressa do requerente. No entanto, o aviso é contraditório, pois exige que o requerente já faça parte do círculo social do requerido, ou seja, exclui-se aí a possibilidade de conhecer pessoas apenas pela rede social, iniciar uma conversa e a troca de informações apenas por aquela rede.

Abaixo do campo “Quem sou eu”, outros avisos são deixados pelo membro 3: “SE NÃO DEIXA SCRAP, NÃO TEM FOTO SUA (E EU NÃO CONHEÇO) FOTO ERÓTICA, NÃO PERCA SEU TEMPO, POIS O MEU É MUITO PRECIOSO!!” e “EU NÃO ADICIONO MAIS PESSOAS QUE NÃO TEM ROSTO, CORPO POR CORPO EU TENHO O MEU! PRINCIPALMENTE FOTOS DE GENITÁLIAS!”.

Abaixo de todos os avisos, o usuário analisado demonstra a contradição sobre a qual falamos: “mas assim, uma palhinha sobre mim: eu moro em Rio Claro, moro com minha mãe e meu irmão, sou cozinheiro, adoro fazer novos amigos, onde gosto de guardá-los no coração, o meu é muito grande!!”. A afirmação de que adora fazer novos amigos é precedida de todos os avisos sobre como os amigos na rede social não podem ser desconhecidos e devem obrigatoriamente estar vestidos e com o rosto exposto. Impõem-se regras e necessidade de controle sobre a aproximação, confiando-se sempre na possibilidade de afastar-se e tornar-se inacessível com um clique.

#### Usuário 4

O usuário responsável por esta resposta possui um nome no perfil que está cifrado com siglas e palavras que não podemos afirmar se é parte de seu nome real ou alguma composição não relacionada com seu nome verdadeiro, isto indicando que o usuário consegue ao mesmo tempo se apresentar e se esconder. Ele também é o único membro da comunidade que respondeu à pergunta no fórum informando ainda ser estudante da escola à época em que comentou. Ele se apresenta com a seguinte resposta ao “Quem sou eu”: “A vida é curta, quebre as regras, perdoe rapidamente, beije demoradamente, ame verdadeiramente, ria incontrolavelmente, e nunca deixe de sorrir, por mais estranho que seja o motivo”. Há três álbuns de fotos disponíveis para todos no

Orkut, um deles, intitulado “Minha motoca”, conta com quatro fotos de sua motocicleta. Com um texto bem humorado, ele explica que emprestou o veículo para um amigo e sofreu um acidente com ela, devolvendo-a bastante avariada.

Outro álbum é dedicado à aquariofilia, com diversas fotos de aquários e animais diversos, além de uma sequência em que um aquário é construído. O usuário não informa se trabalha com aquários ou se tem a atividade como hobby.

#### Usuária 5

A usuária não é a única a fazer referência ao consumo de bebida alcoólica dentro do perímetro escolar. Como já explicitado anteriormente, os comentários referem-se, na maioria, à atividades fora da sala, em lugares da escola onde aparentemente era possível permanecer com os colegas sem a supervisão de funcionários da instituição. Em seu perfil a usuária disponibiliza diversas citações sobre o amor e o que é amar, uma delas é: “Não ame pela beleza, pois um dia ela acaba. Não ame por admiração, pois um dia você decepciona-se...Ame apenas, pois o tempo nunca pode acabar com um amor sem explicação!!!”. É uma das poucas usuárias analisadas que disponibilizam álbuns de foto abertos ao público, dedicados a eventos como shows, encontros com amigos, colegas de faculdade, aniversários, churrascos etc. O primeiro álbum está intitulado “Euzinha” e contém apenas fotos da usuária sozinha, com descrição “As varias faces de mim huahuhua”. Tal álbum conta com 37 fotos, dentre as quais algumas foram tiradas por ela mesma (a posição dos braços aponta que a usuária estava segurando a máquina fotográfica), sempre sorrindo e com o rosto em destaque. A prática de formar álbuns que contenham apenas fotos do próprio usuário não é incomum nas redes sociais. Algumas das fotos têm legenda (recurso disponível a todos os usuários, para descrever em que situação e ocasião a foto foi feita). No caso desta usuária, há legendas como “olha sensualidade dessa pessoa”, “sessão colgate” e “olha a cara de pingaiada”. O Orkut, assim como outras redes sociais, disponibiliza um campo para que aqueles que visualizam as fotos possam comentá-las, mas no caso dessa usuária, não temos acesso a esses comentários, algo que acontece em diversos perfis, indicando a forte presença da contradição entre estar em uma rede social para expor-se e, nela, utilizar as ferramentas disponíveis para esconder-se.

## Usuário 6

O perfil deste usuário é que podemos chamar informalmente de “perfil de casal”, pois há dois nomes encabeçando o perfil seguido da sentença “Amor Eterno”. A foto do perfil é de um casal: um homem e uma mulher, mas a princípio não é possível saber qual dos dois gerencia o perfil. A partir do “Quem sou eu” é possível estabelecer que o perfil (e, portanto, o comentário deixado na comunidade sobre a escola em questão aqui) é de um homem, pois o campo está preenchido da seguinte forma: “Eu sou o ... Ela é a ...”.

Abaixo dessa frase, há uma citação não identificada: “O que passar disso é do maligno”.

Os álbuns do usuário também são abertos aos frequentadores que não sejam de sua rede de amizade. O primeiro álbum está intitulado “Amor Eterno” e contém 52 fotos do casal. Logo abaixo, outro álbum, intitulado “Eu e meu amor” também só possui fotos dos dois, 25 no total.

Outro álbum intitula-se “Pessoas importantes” e contém fotos cujas legendas identificam membros da família e amigos. O álbum “Pregação” contém fotos do usuário atuando como pastor da Igreja Ministério Jesus é o Senhor, em encontros realizados em Rio Claro e Araras.

As atividades descritas no álbum parecem estabelecer uma contradição com o comentário deixado na comunidade, que fazia referência ao consumo de drogas (“basiados” pode ser entendido como cigarros de maconha), já que o membro disponibiliza diversas imagens como membro atuante de uma igreja e, portanto, ligado à práticas e atividades que não condizem com o consumo de substâncias ilícitas, pelo menos à primeira vista.

## Usuária 7

A usuária abre seu perfil, respondendo ao “Quem sou eu” com a frase “Quem se descreve, se limita”, acompanhada de uma foto tirada por ela mesma. Abaixo, ela deixa uma descrição: “aqui é assim: cada um conhece a Clara qêmerecee .! se a sua é boa ou maal você decidee.! E a minha educação vai depender da sua .!”. Acima do perfil, outra frase: “Não perca tempo tentando se vingar de quem te fez algum tipo de maldade ou de alguém que deseja seu mal.O que é ruim se destrói sozinho.”. A usuária não disponibiliza fotos para aqueles que não estão em sua rede de amizade nem a página de recados ou depoimentos. A frase “quem se descreve, se limita”, em uma rede social da internet, parece contraditória, pois o perfil que todo usuário é convidado a preencher

quando se torna membro dessa rede é justamente uma forma de limitar e organizar informações sobre ele. A usuária também dá a entender que não gosta de se descrever, pois não gosta de se limitar mas ao adentrar no Orkut, acaba por fazer justamente isso.

#### Usuário 8

Outro usuário que faz parte da minoria que respondeu à pergunta “Que parte da Escola te marcou mais?” com referência às atividades que fazem parte do currículo escolar. Mesmo assim, sua lembrança mais vivida relaciona-se com jogos esportivos, que a princípio não envolvem a permanência dentro das salas de aula.

O perfil do usuário é marcado desde o início pelo anúncio de que ele está em luto pela morte da mãe. No “Quem sou eu” sua primeira frase é: “LUTO: para minha mãezinha era um verbo, prá nós: SAUDADE! (A SENHORA ME FAZ MUITA FALTA!)”. Em seguida o usuário expõe uma série de textos, letras de canções e declarações do próprio usuário sobre a perda da mãe. As fotos e recados são bloqueados para acesso de membros que não são amigos do usuário.

#### Usuária 9

A usuária não diz no perfil qual é sua formação educacional, mas no campo “livros” diz gostar de obras “da área: educação”. Também neste campo diz gostar de livros sobre mitologia. Embora vaga, a especificação dos livros remete-nos a sua resposta sobre o que mais marcou na escola: a brincadeira feita por um professor sobre a existência de um minotauro (figura da mitologia grega que nasce filho de uma mulher e um touro, sendo aprisionado pelo marido da mãe em um labirinto).

#### Usuária 10

A resposta da usuária também faz referência a atividades oficiais da escola, em que os alunos elaboravam ilustrações para os muros da instituição. Da mesma forma que outras citações que fazem referência às atividades ministradas por professores, essa está associada a locais fora da sala de aula. A ex-aluna faz uma pergunta aos outros membros, que não é respondida nos comentários posteriores. O perfil dela é o que menos dispõe informações para membros que não

estão em sua rede de amigos. Há apenas uma frase que faz referência justamente ao passado da usuária no ambiente escolar: “Hoje vi várias fotos de alunos e ex- alunos, tô ficando velha!”.

#### Usuário 11

O usuário faz referência a um episódio específico, que também insere-se na compilação de atividades fora da sala de aula, mas com a informação de que foi flagrado pelo diretor escolar. Ele não informa se estava matando aula com a namorada ou se estava em algum intervalo previsto. O perfil desse usuário é bastante fechado para membros que não são seus amigos. A única seção que pode ser acessada é o campo “Quem sou eu” em que o usuário deixou a letra de uma canção sobre separação de um casal. Acima, no campo destinado a uma frase curta ele escreveu: “AmOOOooOOoOo noite Diaaa>>>> (nome feminino omitido)”.

#### Usuário 12

Esse é o único usuário, dos que responderam à questão, que fala sobre a presença da Polícia Militar dentro da escola. Nesse episódio específico, em que ele e amigos escalaram a caixa d’água da escola, é algo que muito provavelmente, devido ao risco de queda, ferimentos e morte envolvido, não deve ser permitido em instituições escolares. No entanto, no comentário não há especificação sobre a frequência com que a polícia era chamada ou frequentava o interior da escola. Mais uma vez, no entanto, há o relato de uma contravenção dentro do ambiente escolar, no entanto fora da sala de aula, cometida por um aluno e referenciada como a mais marcante lembrança do usuário dentro do período em que estudou na escola cuja comunidade do Orkut é foco de nosso estudo.

Em seu perfil, ele disponibiliza uma foto de seu casamento ao lado da esposa e ambos estão em trajes típicos da cerimônia. No perfil, está disponível apenas a frase: “Amar é direito de todos, ser amado é privilégio de poucos. Que este seja nosso destino: AMAR, VIVER e COMEÇAR cada dia juntos!!”.

#### Usuário 13

O muro, a última barreira entre a escola e a rua (que parece guardar infinitas

possibilidades de diversão, descontração ou, ao menos, o ócio) é citada pelo usuário como a parte mais marcante da escola onde cursou o Ensino Médio. Em seu perfil, ele preenche o campo “Quem sou eu” com a seguinte descrição:

MORENO GOSTOSO. (BRINCADERINHA).GOSTO DE MUSICAS DE TODOS OS ESTILOS, GOSTO E FUTEBOL, SOU CORINTHIANO. SOU UM CARA MUITO DESCONTRAIDO E SIMPATICO.MAIS NÃO SOU FALSO!!!

A afirmação sobre falsidade, feita ao final de sua descrição apresenta um risco por si só, já que um perfil em rede social, seja Orkut ou qualquer outra, permite a elaboração, edição, omissão e reinvenção de informações sobre si mesmo, sem que haja a necessidade de comprová-las. É evidente que, como já explicitamos em outro perfil, há usuários que se tornam membros e restringem seus contatos apenas às pessoas que já conhecem “do lado de fora”, o que pode ser o caso desse usuário, dando, portanto, à declaração, conotação de aviso ou lembrete àqueles que já o conhecem. O “ser falso” em uma rede social não é necessariamente uma postura negativa, mas se entendermos que a rede social possui campos a serem preenchidos e que as opções para preencher tais campos são limitadas, então nem todos conseguirão uma opção que explique precisamente o que quer, assim como nem todos escolherão a opção que mais se adequa a si mesmo, mas aquela que mais agradaria se fosse real.

#### Usuário 14

O usuário não especifica se sua resposta é relativa às atividades esportivas, como alguns já relataram, ou se o local também era propício aos encontros entre colegas em atividades que não se relacionava com as aulas. Seu perfil também não fornece muitas informações sobre ele, já que todos os itens são bloqueados para usuários que não sejam amigos na rede social. É possível apenas visualizar o campo “Quem sou eu”, onde encontramos a descrição:

Eu sou aquele que revive o sonho e a certeza de que tudo vai mudar. Sendo necessário abrir os olhos e perceber que as coisas boas estão dentro de nós, onde os sentimentos não precisam de motivos nem os desejos de razão. O importante é aproveitar a vida a cada momento e aprender com a sua duração, pois a vida está nos olhos de quem sabe ver.

#### Usuário 15

O usuário aponta com essa resposta que algumas das atividades “fora da sala” poderiam apresentar um grau de organização maior do que o que se pode esperar. A referência ao “Cassino” dá a entender que os alunos se reuniam para jogos de baralho ou outros e que a prática desses jogos era constante, a ponto de formar bons jogadores, como ele afirma.

O usuário tem o perfil com todos os itens bloqueados, sendo impossível verificar seus álbuns de fotos ou preenchimento dos campos que a rede social disponibiliza.

#### Usuária 16

A usuária especifica com mais detalhes os locais em que ocorriam as reuniões dos colegas, também se referindo às atividades que, mesmo sendo vinculadas às atividades escolares, eram realizadas fora da sala de aula convencional. Seu perfil apresenta no campo

“Quem sou eu” uma foto da bíblia e um texto explicando sua relação com a fé e a religião da qual faz parte. Os outros campos e seções estão bloqueados.

#### Usuária 17

Como o perfil anterior, este não conta com informações acessíveis, tem todos os itens bloqueados, exceção feita a foto que acompanha o “Quem sou eu”, tirada pela própria usuária.

#### Usuário 18

Destoando das respostas dos outros membros, este usuário conta uma versão diferente de sua relação com a escola. Aponta o local não como uma estrutura física com recantos para encontros com colegas ou para ser transposta e evitada, mas como instituição de ensino que possibilitou a ele a oportunidade muito valorizada de intercâmbio em outro país. O usuário coloca esse fato como extremamente positivo e contrapõe a noção anterior – de que a Escola 3 era um lugar “ruim”, degradado, esquecido e desrespeitado (não especifica, no entanto, se essa degradação, esquecimento e desrespeito é fruto das ações dos alunos, professores ou sociedade em geral, como é possível encontrar em outros tópicos da mesma comunidade dedicada à escola).

Em seu perfil, é possível acessar apenas o “Quem sou eu”, onde ele dispõe uma frase que

identifica como sendo de Martin Luther King: “Nós não somos o que gostaríamos de ser. Nós não somos o que ainda iremos ser. Mas, graças a Deus, não somos mais quem nós éramos.”.

Embora sucinta, a descrição em seu perfil parece remeter justamente à grande mudança que o usuário cita como derivada de sua entrada na escola.

#### **4.2 O que se fala e o que se mostra: contradições**

Os 18 perfis acima, escolhidos por responderem a uma questão que dava ampla possibilidade de falar sobre a experiência escolar (“Qual parte da Escola te marcou mais?”) parecem ligados não apenas por essa questão e não estão, de forma aleatória, colocados no mesmo espaço, mas coincidem em outros campos que não o do relato sobre o período em que estudaram na unidade escolar cuja comunidade no Orkut foi focalizada.

Apenas o Usuário 3 disponibiliza uma grande quantidade de informações em forma de texto para pessoas que não são membros de sua rede de amigos no Orkut. E é aí que reside grande contradição: é o usuário que mais faz alertas sobre o fato de que não aceita solicitações de amizade de pessoas desconhecidas, como a pesquisadora, que não seria aceita como “amiga”, mas pode encontrar descrições, citações e avisos diversos que permitiram conhecer bastante do perfil dele.

Remete-se aí ao que Sennet (1988) chama de “incivilidade”: a rejeição às ações e a valorização das intenções e motivações. Um usuário de rede social, como o que pesquisamos aqui, rejeita a possibilidade de conhecer pessoas, de interagir com elas, pois há o desconhecimento de suas motivações, ou a desconfiança de que as motivações que levam ao pedido de amizade na rede sejam nefastas. Por isso confia-se um “aceito” a um pedido de amizade apenas àqueles que já são conhecidos fora da rede e portanto, detentores intenções e motivações já explicitadas.

Não é possível saber se os avisos foram colocados ali desde o início de sua participação no Orkut ou se foram motivados por alguma abordagem de membros que apresentavam as características repudiadas, mas os avisos reforçam a ideia de que há uma busca pela segurança ao adicionar outros usuários da mesma rede. Não é um local para arriscar-se com pessoas desconhecidas na chamada “vida real” ou que adotam um comportamento considerado abusivo.

Giddens (1993) aponta para um caminho que acaba sendo similar ao apontado por Sennet

(1988), Bauman (1997, 2004, 2007) e outros teóricos estudados nesta pesquisa: a aproximação entre indivíduos em nossa era é feita até certo ponto. Ampliam-se as possibilidades de interação e conexão na mesma medida em que amplia-se o receio de interagir e conectar. Como o próprio Bauman (2004) explicita em seus escritos, o termo “conexão” é aquele que parece mais adequado para definir o contato entre indivíduos que “relação”: presume-se que conectar-se é algo que pode ser desfeito rapidamente, como tirar o plug da tomada. É exatamente isso que redes sociais como o Orkut permitem. Se esse usuário, mesmo tendo avisado àqueles que visualizam seu perfil, recebe o pedido de alguém que não atende a seus pré-requisitos, pode eliminar o contato clicando em “recusar”.

Redes sociais como o Orkut também permitem que o usuário se aproxime de outros dentro de comunidades como a que é dedicada a escola aqui focalizada. Os 18 usuários que participaram do tópico escolhido não são necessariamente amigos, podem sequer se conhecer pessoalmente, já que ali podem responder pessoas que estudaram há 5, 10, 15 anos na unidade escolar. Mas a partir do momento em que eles respondem à mesma pergunta, acabam por compartilhar um sentimento como, por exemplo, a saudade de uma época em que pular o muro da escola para passear com os amigos. E isso por si só já é uma forma de aproximação, dentro do que explicitamos acima: até certo ponto, pois permanece ali, naquele tópico.

O bloqueio de informações está presente em todos os perfis, em maior ou menor grau. Apesar disso, as informações que escapam desse gerenciamento feito pelos usuários coincidem com citações e declarações que põe em foco a importância da família, do (a) companheiro (a), do amor à profissão, da valorização do presente e do futuro, do amor a si mesmo. Aí reside outra contradição: mesmo com tudo o que é escondido, o que está exposto à vista de todos é o que dizem ser os itens mais valiosos em suas vidas.

Incerteza também é a determinante da apresentação que um membro de rede social faz quando constrói um perfil. O perfil, como percebemos, é uma forma de narrar-se, mas tanto pelas características de nossos tempos, explicitadas no primeiro capítulo, quanto pela própria estrutura que as redes sociais possuem, essa narrativa não pode ser encarada como fixa, já que todos os campos que podem ser preenchidos pelo usuário da rede social também podem ser editados a qualquer momento.

Já citamos aqui que “Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida” (CALLIGARIS, 1998, p.49), mas essa vida, na rede social, assemelha-se mais a uma fotografia: é um pedaço do todo, que pode levar a compreensão de algo sobre esse todo, mas não

do todo. Não podemos dizer que o perfil construído em uma rede social é o usuário ou é tudo que o usuário quer dizer sobre si. É uma narrativa parcial e ao acessarmos os perfis dos membros da comunidade sobre determinada escola de Rio Claro, acessamos fragmentos de uma invenção.

É por isso que ao encontrarmos o que a princípio chamamos de contradição, na verdade estávamos encontrando coerência: muitos dos 18 usuários que tiveram seus perfis analisados aqui citaram arroubos de transgressão dentro da escola como seus momentos mais marcantes, mas listam respeito, amor, família e educação como fatores mais importantes em suas vidas (ou melhor, em seus perfis). Parecia contraditório, mas, observando sob a ótica da mudança constante e do momentâneo, encontramos coerência nessa contradição: as declarações em determinada comunidade, sobre determinado assunto (neste caso, momentos marcantes vividos na escola) não precisam necessariamente estar de acordo com o que você apresenta em seu perfil, pois a própria noção de rede social abarca mudanças repentinas de rumos, de gostos, de preferências e prioridades.

Uma rede social pode proporcionar contatos com pessoas de diferentes cidades, estados, países; também pode proporcionar quantidade imensurável de informações sobre tantos assuntos quanto é possível desejar. Pode abrigar desavenças e reaproximações, incitar debates polêmicos e lampejos de humor. Em um mural de rede social um usuário pode deixar uma declaração que vai de encontro ao que se conhece dele na vida dita real; no segundo seguinte, ele apaga o que foi escrito (ou postado, para usar uma palavra comum dentro das redes): seu perfil está em constante mutação, não pode ser encarado como a identidade do usuário, mas um fragmento do que ele quer deixar transparecer. E em constante mutação não está também a identidade “real”?

Sobre isso, Garbin (2003), questiona que a criação de perfis para conversar em chats ou as próprias conversas, são parte da identidade, que é também fabricação. Estar em contato com outros através de um computador conectado não é assim tão diferente de estar frente a frente, no que concerne à inventar-se.

É fictício? Sim, é, mas quem de nós, na vida real, ao ver seu corpo refletido num espelho, ao ouvir sua própria voz (gravada ou não), ao reler um texto seu, não se inventou diferente? Constituiu-se e deixou-se capturar pelo discurso da ordem do dia (pela “ordem do discurso?”), mesmo que por poucos segundos? (GARBIN, 2003, p.133)

## Conclusão

Uma rede social como o Orkut, destinada a construção de perfis e interação entre membros por meio desses perfis ou de comunidades como a que estudamos, é fonte recente de estudos acadêmicos e de um olhar mais aprofundado. E as transformações pelas quais esse objeto de estudo passa são mais velozes e definitivas que as ocorridas em uma instituição com a escola, por exemplo. Embora ainda tenhamos a necessidade e intenção de acreditarmos que o duradouro é relevante e o passageiro não, a rede social na internet é fonte de interesse para pesquisadores de diversas áreas justamente por isso: pela efemeridade compatível com o ritmo de vida da sociedade da virada do século.

A escola é instituição cujo funcionamento está de acordo com uma época que não vivemos mais, uma época de seguir à risca certas fórmulas que, ligadas umas às outras, conduziam o indivíduo em um caminho entendido como correto, estabelecido e seguro.

“O poder moderno dizia respeito antes e acima de tudo à capacidade de gerenciar pessoas, de comandar, de estabelecer as regras de conduta e de obter obediência a essas regras” (Bauman, p. 41, 2003)

Como Bauman aponta logo depois, esse gerenciamento está intrinsecamente ligado à disciplina, essa que não desapareceu quando a certeza e segurança deram lugar a seus extremos opostos, mas continuou presente: a disciplina persiste nos indivíduos hoje não mais gerenciados, mas assustados justamente com a falta de estabilidade, continuidade e certeza.

Em suma: foi-se a maioria dos pontos firmes e solidamente marcados de orientação que sugeriam uma situação social, que era mais duradoura, mais segura e mais confiável do que o tempo de uma vida individual. Foi-se a certeza que “nos veremos outra vez”, de que nos reencontraremos repetidamente por um longo porvir – e com ela a de que podemos supor que a sociedade tem uma longa memória e de que o que fazemos aos outros hoje virá a nos confortar ou perturbar no futuro; de que o que fazemos aos outros tem significado mais que episódico, dado que as consequências de nossos atos permanecerão conosco por muito tempo, depois do fim aparente do ato – sobrevivendo nas mentes e feitos de testemunhas que não desaparecerão (Ibid, p.47)

Do nosso lado, desde o início deste trabalho lidamos com incerteza: iríamos encontrar as informações necessárias dentro de uma rede social? O foco seria a rede social ou a escola? A rede social em questão, Orkut, passando por uma perda de usuários para outra rede, o Facebook, ainda era suficientemente interessante para viabilizar nossa pesquisa? As referências utilizadas para

compreender a comunicação dentro de uma rede social eram maduras o suficiente?

Devido às incertezas, os objetivos foram pouco a pouco alterados e deixaram de abordar apenas a escola, para ir também em direção àqueles que ali estiveram ou estão e como aparecem dentro da rede social.

Ao falar sobre a escola, no capítulo 3, aqueles que se engajaram em uma discussão sobre o rumo que a instituição onde estudaram/trabalharam/lecionaram tomou e toma, apresentaram um direcionamento para a nostalgia, para o “recordar é viver”, o “no meu tempo era melhor”. Vendo assim, flagrando esses discursos que foram deixados em uma comunidade (não sabemos quais e se comentários foram apagados do tópico de discussão) e depois rumando para os comentários de ex-alunos que também imergem na nostalgia, mesmo que da transgressão cometida, entendemos que a escola e a rede social são locais de performances que mesmo contraditórias, são coerentes: dizer algo favorável, para logo depois demonstrar desapego pelas regras ali existentes, com a diferença de que na escola a desobediência é passível de punição e na rede social é fator chave para a convivência.

Na introdução deste trabalho, utilizamos referências de uma pesquisa de Paula e Silva et al (2010) sobre a unidade escolar que apontava para uma visão negativa dos alunos sobre a escola, além de relatos que denotavam essa má impressão devido ao mau estado de conservação da instituição em foco. Nessa pesquisa foram ouvidos alunos que vivenciavam o cotidiano da escola como ela está hoje. Em nossa pesquisa, colhemos informações dentro de uma comunidade de rede social dedicada a essa unidade de ensino, informações essas que vêm, em sua maioria, de ex-alunos, adultos como já dissemos, e que relatam contravenções e desafios às regras do estabelecimento, mas tais relatos aparecem carregados de positividade, de uma certa alegria, mesmo que debochada (e mesmo que tal alegria seja às custas da desobediência que, podemos supor, desagradou outro grupo de frequentadores da escola: os funcionários responsáveis por fazer valer a ordem). Os 18 usuários que responderam à questão parecem ter conquistado momentos de união e diversão com os colegas e lembram dos mesmos “defeitos” da escola com outro olhar, como se o tempo passado tivesse amenizado qualquer sentimento de opressão e pessimismo relacionado ao estado da estrutura física e de problemas como a distância entre a escola e o bairro onde vivem/viviam.

Compreendemos então que a escola é vista como local de convivência que como instituição, onde as interações com as pessoas são mais importante que a instituição em si, mesmo que o ponto de vista e a narrativa mudem com o distanciamento espaço-temporal – os comentários

observados dentro da comunidade do Orkut dedicada à escola são de pessoas que já não estudam e não frequentam o local e há a possibilidade de crítica, deboche e irreverência. Isso se dá pelo fim da ligação obrigatória com a escola, do contrato entre aluno e instituição: já desligado das obrigações com a escola, é possível apontar como principais acontecimentos a transgressão ao gerenciamento existente no ambiente escolar, gerenciamento a que todos eram submetidos.

Arriscamos dizer aqui que o vínculo afetivo com a escola parece nascer e se alimentar do distanciamento espaço-temporal, ou seja, o que antes poderia ser relatado como uma experiência negativa, permeada por temor, vergonha ou arrependimento (ser flagrado pelo diretor usando drogas, ser perseguido por um policial, etc.) acaba transformando-se em uma lembrança positiva, onde o ocorrido se isola, não representando para quem o relata um sinal da decadência que parece dar o tom em relatos de ex-professores e ex-funcionários (item 3.1).

Os 18 usuários que responderam à questão parecem ter conquistado momentos de união e diversão com os colegas e lembram dos mesmos “defeitos” da escola com outro olhar, como se o tempo passado tivesse amenizado qualquer sentimento de opressão e pessimismo relacionado ao estado da estrutura física e de problemas como a distância entre a escola e o bairro onde vivem/viviam.

Pode-se deduzir que falta vínculo afetivo com a escola, já que os alunos que a frequentam não moram no mesmo bairro e não usufruem do mesmo contexto socioeconômico. Porém, dentro desse tópico visitado, percebemos que o vínculo afetivo existe, tendo sido construído com o passar do tempo e não sendo proporcional ao respeito às regras, o que configura outra contradição: quebrar regras, desafiar a autoridade e transgredir dentro da escola não significa necessariamente que os que o fazem levarão más lembranças do local, pelo contrário, acabam por sentir carinho por aquilo cujos muros pulavam em fuga.

Em seus perfis, esses membros demonstram vínculo afetivo com outras instituições (família, religião, trabalho) e, embora já tenhamos ressaltado que os perfis não podem ser confundidos com a identidade real dessas pessoas, entendemos que a contradição é real: muitos dos 18 usuários que tiveram seus perfis analisados aqui citaram arroubos de transgressão dentro da escola como seus momentos mais marcantes, mas listam respeito,

amor, família e educação como fatores mais importantes em suas vidas (ou melhor, em seus perfis). As declarações em determinada comunidade, sobre determinado assunto (neste caso, momentos marcantes vividos na escola) não precisam necessariamente estar de acordo com o que

é apresentado em seu perfil, pois a própria noção de rede social abarca mudanças repentinas de rumos, de gostos, de preferências e prioridades.

E mesmo essa contradição não pode ser tratada como definitiva, já que a instabilidade encontrada dentro de uma rede social como o Orkut é permitida até certo ponto: o preenchimento de dados, os comentários sobre assuntos diversos, a restrição ou divulgação de informações sobre si mesmo, etc. acabam seguindo protocolos determinados pela própria rede. Afinal, há campos a serem preenchidos, que já são dados pela rede, que não são criados pelo usuário. Essa delimitação, esse “encaixotamento” do usuário, precisa ser destacado, pois o perfil e a participação do usuário em comunidades como a focalizada neste trabalho também sofrem influência disso. Como apontamos acima, a contradição está presente o tempo todo, em todos os recônditos, seja no que os usuários exibem ou não exibem.

## Referências Bibliográficas

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70. 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Vida para Consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: LIMA, Luís Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- BOGDAN, R.;BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à teoria e aos Métodos*. Porto Editora. 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis : Vozes, 2007.
- DUBET, François. *A escola e a exclusão*. Cadernos de Pesquisa, nº 119, p. 29-45, jul. 2003.
- CALLIGARIS, Contardo. *Verdades de autobiografias e diários íntimos*. In: Estudos Históricos. Indivíduo, biografia, história. Rio de Janeiro, vol. 10, nº 19, 1997, pp. 83-97.
- CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. In: *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 1 v.
- \_\_\_\_\_. *A Sociedade em Rede*. São Paulo. Paz e Terra, 1999.
- CHARLOT, BERNARD. *Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Revista Sociologias, n.8, Porto Alegre jul./dez. 2002. Disponível em: <http://migre.me/aW37H> Acesso em 22 de jul. de 2012.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2007*. Disponível em <<http://goo.gl/XZEbN>>. Acesso em 10 de agosto de 2009.

COUTO, Edvaldo Souza; FONSECA, Daysy da Costa Lima. *Comunidades virtuais: os relacionamentos no Orkut*. Revista da Faced, Bahia, n. 8, p.127-138, 2004.

CUNHA, Fabíola Silva.; OLIVEIRA, Dennis. *Mídia, Educadores e Movimentos Sociais: Elementos de Ressignificação*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2005, São Paulo. Anais... São Paulo, 2005. p. 01-12.

FACEBOOK passa Orkut em número de usuários no Brasil em agosto, confirma Ibope. UOL Notícias, São Paulo, 10 de setembro de 2011. Disponível em <<http://migre.me/9Oj8P>>. Acesso em 24 de maio de 2012.

GARBIN, Elisabete Maria. *Cultur@s juvenis, identid@dese Internet: questões atuais*. Revista Brasileira de Educação - Anped - n.23 - 2003

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexo, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A Editora, 2001.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *A indústria cultural*. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2000. Características da população e dos domicílios (com Divisão Territorial)*, 2001. Disponível em <<http://goo.gl/6xH8a>>. Acesso em 10 de fev. 2012.

LANG, Marina. *Orkut se adianta à visita do “pai” do Facebook e divulga crescimento no*

Brasil. Folha de São Paulo. São Paulo, 29 de jul. de 2009. Tec. Disponível em

<<http://goo.gl/hS7qx>>. Acesso em 10 de fev. 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LE MOS, Ronaldo. *O Orkut nunca esteve tão legal*. Folha de São Paulo. São Paulo, 31 de ago. de 2009. Folhateen. Disponível em < <http://goo.gl/eAhlb>>. Acesso em 10 de fev. de 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIPOVESTKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. LÜDKEN, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*.

São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1986.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MEDEIROS, Rosângela de Araújo. *A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo Orkut: Um retrato da modernidade líquida*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TAPSCOTT, Don. *Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net*. São Paulo: Makron Books, 1999.

USUÁRIO pioneiro do Instagram reclama da popularização. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 de jun. 2011. Folhateen. Disponível em <<http://goo.gl/8mUCZ>>. Acesso em 10 de fev. 2012.